

III Congresso de História e Desporto

**Desporto
e Guerra**

2014



LIVRO DE RESUMOS

BOOK OF ABSTRACTS

29 e 30 de maio

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

•• Para mais informações

<http://congressodehistoriaedesporto.blogspot.com>

<http://www.uc.pt/iii/ceis20>

<http://ihc.fcsh.unl.pt/>

<http://www.facebook.com/ihc.fcsh.unl>

email: historia.desporto@gmail.com

ORGANIZAÇÃO E APOIOS



Fundação para a Ciência e a Tecnologia



Ministério da Educação e Ciência



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

III CONGRESSO DE HISTÓRIA E DESPORTO

DESPORTO E GUERRA

Por ocasião do centenário da Grande Guerra (1914-1918), que constituiu uma rutura profunda no percurso da história contemporânea portuguesa, europeia e mundial, o III Congresso de História e Desporto é dedicado à temática **Desporto e Guerra**. Este congresso é organizado pelo Grupo História e Desporto, do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20, que reúne investigadores de diversas instituições com o objetivo de promover a cooperação, investigação, divulgação e realização de iniciativas sobre História e Desporto.

ORGANIZAÇÃO E COMISSÃO CIENTÍFICA

Francisco Pinheiro

CEIS20-Universidade de Coimbra / IHC-UNL / FCT

Alcino Pedrosa

GHD-IHC/CEIS20

Carlos Nolasco

CES - Universidade de Coimbra

César Rodrigues

CEIS20-Universidade de Coimbra

João Nuno Coelho

GHD/IHC-CEIS20

João Tiago Lima

NICPRI - Universidade de Évora

Maria Fernanda Rollo

IHC/FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Nuno Miguel Lima

IHC/FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Rita Nunes

IHC/FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Informações

<http://www.uc.pt/iii/ceis20>

<http://ihc.fcsh.unl.pt/>

<http://www.facebook.com/ihc.fcsh.unl>

<http://congressodehistoriaedesporto.blogspot.com>

historia.desporto@gmail.com

9H15 . SESSÃO DE ABERTURA / OPEN SESSION

Maria Fernanda Rollo, coordenadora científica do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade Nova de Lisboa

Francisco Pinheiro, organização e direção do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20

9H30 . PAINEL 1 / SESSION 1

Moderação: **Miguel Cardoso Pereira** (jornalista *A Bola*)

“Futebol em missão de guerra”: Da singularidade de um cartaz português da I Guerra Mundial

João David Zink (Biblioteca Nacional de Portugal)

Portugal, 1913-1918: atividades físicas e desportivas em notícia. Contributo para a história do desporto em Portugal

Fernando Maia (Instituto Universitário da Maia, Portugal)

Deportistas en la trinchera: la Primera Guerra Mundial y su impacto en la prensa deportiva española

Juan Antonio Simón (Universidad Europea de Madrid, Espanha)

O esporte nas Forças Armadas norte-americanas e brasileiras no início do século XX: considerações comparativas

Karina Cancellia (Univ. Fed. Rio de Janeiro / Université Lille 2)

O desporto enquanto guerra simbólica

César Rodrigues (GHD/CEIS20 da Universidade de Coimbra)

11h30 . Pausa para café / Coffee break

11H45 . CONFERÊNCIA I / CONFERENCE I

Apresentação: **João Tiago Lima** (GHD/Universidade de Évora)

As violências: no desporto e fora dele

José Manuel Constantino (presidente do Comité Olímpico de Portugal)

¿Estadios o trincheras? El deporte y la Guerra Civil Española

Xavier Pujadas Martí (Universitat Ramon Llull, Barcelona, Espanha)

13h00 . Almoço / Lunch

14h30 . PAINEL 2 / SESSION 2

Moderação: **Rogério Santos** (Universidade Católica Portuguesa)

Futebol na guerra civil espanhola: singularidades do FC Barcelona

Alcino Pedrosa (GHD-IHC/CEIS20, Portugal)

El deporte en la ciudad de Valencia, capital de la República Española (1937)

Víctor Agulló Calatayud e Recaredo Agulló Albuixech (Universidad de Valencia, Espanha)

De la Primera a la Segunda Guerra Mundial: la representación del fútbol en el cine

Jesús Calderón García (Universidad de Sevilla, Espanha)

“Olimpíadas Pershing” - Os Jogos Inter-Aliados de 1919

Rita Nunes (GHD/IHC-FCSH-Universidade Nova de Lisboa)

16h30 . Pausa para café / Coffee break

16h45 . PAINEL 3 / SESSION 3

Moderação: **Nuno Miguel Lima** (IHC/FCSH-Universidade Nova de Lisboa)

Japanese imperialism and judo in Taiwan 1895-1945

Dong-Jhy Hwang e Chung-Hsing Chen

(National Taiwan Sport University and Taiwan Police College, Taiwan)

Survival Strategy or Bloody Violence? Boxing in Concentration and Extermination Camps

Doriane Gomet (IFEPS d'Angers, France)

‘Chained Olympic Games’ - Sports competitions in Nazi prisoner-of-war camps in the years 1940 and 1944 on the basis of the collection of the Museum of Sports and Tourism in Warsaw

Tomasz Jagodzinski (Museum of Sports and Tourism in Warsaw, Poland)

9H30 . PAINEL 4 / SESSION 4

Moderação: **António Magalhães** (jornalista *Record*)

O “Foot-ball Mulato”! A seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol de 1938: o nascimento da tradição do futebol “tipicamente” brasileiro

Felipe Morelli Machado (Pontifícia Universidade Católica-São Paulo, Brasil)

Estado Novo e futebol durante a II Guerra Mundial

Sérgio Mendes (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal)

O Futebol e Política. Um instrumento na construção do mito

Márcio Domingues (Univ. Lusófona Humanidades e Tecnologia, Portugal)

A mobilidade de futebolistas em tempos de guerra

Carlos Nolasco (CES-Universidade de Coimbra, Portugal)

Terrorismo e Futebol: a UEFA Champions League é uma ameaça?

Milton Tiago Vogado Batista (Universidade de Coimbra, Portugal)

11h30 . Pausa para café / Coffee break

11H45 . CONFERÊNCIA II / CONFERENCE II

Apresentação: **Francisco Pinheiro** (GHD/CEIS20-IHC)

O jornalismo desportivo e a simbologia da guerra

Vítor Serpa (diretor do jornal *A Bola*)

Sport, wars and the making of Italy

Simon Martin (British School at Rome, Italy)

13h00 . Almoço / Lunch

14H30 . PAINEL 5 / SESSION 5

Moderação: **Afonso de Melo** (jornalista, escritor)

El evento del fútbol como expresión de conflicto y vector de pacificación

Ekain Rojo Labaien (Universidad del País Vasco UPV/EHU, Espanha)

«Só os mais fortes sobrevivem. Nós seremos eternos.»

O mimetismo da guerra nas claques de futebol

Daniel Seabra (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)

“Suor poupa sangue”: uma análise de reportagens televisivas sobre o uso do esporte como ferramenta de peacebuilding

nas Missões de Paz da Organização das Nações Unidas

Leonardo José Mataruna-dos-Santos e Karina Cancellia (Coventry University e Universidade Federal Rio de Janeiro/Université Lille 2)

A gestão do amadorismo no desporto pelo Comité Olímpico Internacional no período entre as Guerras Mundiais

Alcides Vieira Costa (Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal)

O ensino da história do atletismo como aliada para a discussão de valores em aulas de educação física: a amizade e o respeito no período entre guerras

Guy Ginciene e Sara Quenzer Matthiesen (UNESP – São Paulo, Brasil)

16h30 . Pausa para café / Coffee break

16H45 . PAINEL 6 / SESSION 6

Moderação: **Alcino Pedrosa** (GHD-IHC/CEIS20, Portugal)

Da não-celebrada VI Olimpíada (1916) à Olimpíada de Pershing (1919): O Desporto no pós-I Guerra Mundial

Francisco J. V. Fernandes (Universidade da Madeira, Portugal)

Olimpismo & Guerra Fria

Gustavo Pires (Faculdade de Motricidade Humana, Portugal)

A capoeira e os “capoeiras” na Guerra do Paraguai. Mito e realidade

Paulo Coêlho Araújo e Ana Jaqueira (FCDEF-Universidade de Coimbra)

As definições de Rugby e o conceito de guerra

José Alpuim (Instituto Federal de Brasília, Brasil)

18h30 . Apresentação do livro

“O desporto que os tribunais praticam”, de José Manuel Meirim

19h00 . Encerramento / Closing session - Porto de Honra

- 8. “Futebol em missão de guerra”:
Da singularidade de um cartaz português da I Guerra Mundial**
João David Zink (Biblioteca Nacional de Portugal)
- 9. Portugal, 1913-1918: atividades físicas e desportivas em notícia.
Contributo para a história do desporto em Portugal**
Fernando Maia (Instituto Universitário da Maia, Portugal)
- 10. Deportistas en la trinchera:
la Primera Guerra Mundial y su impacto en la prensa deportiva española**
Juan Antonio Simón (Universidad Europea de Madrid, Espanha)
- 11. O esporte nas Forças Armadas norte-americanas e brasileiras no início do século XX:
considerações comparativas**
Karina Cancellà (Univ. Fed. Rio de Janeiro / Université Lille 2)
- 12. O desporto enquanto guerra simbólica
– A “bala em forma de bola” e uma bandeira nos pés**
César Rodrigues (GHD/CEIS20 da Universidade de Coimbra)
- 13. ¿Estadios o trincheras? El deporte y la Guerra Civil Española**
Xavier Pujadas Martí (Universitat Ramon Llull, Barcelona, Espanha)
- 14. Futebol na guerra civil espanhola: singularidades do FC Barcelona**
Alcino Pedrosa (GHD-IHC/CEIS20, Portugal)
- 15. El deporte en la ciudad de Valencia, capital de la República Española (1937)**
Víctor Agulló Calatayud e Recaredo Agulló Albuixech (Universidad de Valencia, Espanha)
- 16. De la Primera a la Segunda Guerra Mundial: la representación del fútbol en el cine**
Jesús Calderón García (Universidad de Sevilla, Espanha)

- 17. “Olimpíadas Pershing” - Os Jogos Inter-Aliados de 1919**
Rita Nunes (GHD/IHC-FCSH-Universidade Nova de Lisboa)
- 18. Japanese imperialism and judo in Taiwan 1895-1945**
Dong-Jhy Hwang e Chung-Hsing Chen
(National Taiwan Sport University and Taiwan Police College, Taiwan)
- 19. Survival Strategy or Bloody Violence?
Boxing in Concentration and Extermination Camps**
Doriane Gomet (IFEPS d’Angers, France)
- 20. ‘Chained Olympic Games’ - Sports competitions in Nazi prisoner-of-war camps in the years 1940 and 1944 on the basis of the collection of the Museum of Sports and Tourism in Warsaw**
Tomasz Jagodzinski (Museum of Sports and Tourism in Warsaw, Poland)
- 21. O “Foot-ball Mulato”! A seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol de 1938: o nascimento da tradição do futebol “tipicamente” brasileiro**
Felipe Morelli Machado (Pontifícia Universidade Católica-São Paulo, Brasil)
- 22. Estado Novo e futebol durante a II Guerra Mundial**
Sérgio Mendes (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal)
- 23. O Futebol e Política. Um instrumento na construção do mito**
Márcio Domingues (Univ. Lusófona Humanidades e Tecnologia, Portugal)
- 24. A mobilidade de futebolistas em tempos de guerra**
Carlos Nolasco (CES-Universidade de Coimbra, Portugal)
- 25. Terrorismo e Futebol: a UEFA Champions League é uma ameaça?**
Mílton Tiago Vogado Batista (Universidade de Coimbra, Portugal)
- 26. Sport, wars and the making of Italy**
Simon Martin (British School at Rome, Italy)

- 27. El evento del fútbol como expresión de conicto y vector de pacicación**
Ekain Rojo Labaien (Universidad del País Vasco UPV/EHU, Espanha)
- 28. Só os mais fortes sobrevivem. Nós seremos eternos.»
O mimetismo da guerra nas claques de futebol**
Daniel Seabra (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)
- 29. “Suor poupa sangue”: uma análise de reportagens televisivas sobre o uso do esporte como ferramenta de peacebuilding nas Missões de Paz da Organização das Nações Unidas**
Leonardo José Mataruna-dos-Santos e Karina Cancellla
(Coventry University e Universidade Federal Rio de Janeiro/Université Lille 2)
- 30. A gestão do amadorismo no desporto pelo Comité Olímpico Internacional no período entre as Guerras Mundiais**
Alcides Vieira Costa (Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal)
- 31. O ensino da história do atletismo como aliada para a discussão de valores em aulas de educação física: a amizade e o respeito no período entre guerras**
Guy Ginciene e Sara Quenzer Matthiesen (UNESP – São Paulo, Brasil)
- 32. Da não-celebrada VI Olimpíada (1916) à Olimpíada de Pershing (1919):
O Desporto no pós-I Guerra Mundial**
Francisco J. V. Fernandes (Universidade da Madeira, Portugal)
- 33. Olimpismo & Guerra Fria**
Gustavo Pires (Faculdade de Motricidade Humana, Portugal)
- 34. A capoeira e os “capoeiras” na Guerra do Paraguai. Mito e realidade**
Paulo Coêlho Araújo e Ana Jaqueira (FCDEF-Universidade de Coimbra)
- 35. As definições de Rugby e o conceito de guerra**
José Alpuim (Instituto Federal de Brasília, Brasil)

FUTEBOL EM MISSÃO DE GUERRA”: DA SINGULARIDADE DE UM CARTAZ PORTUGUÊS DA I GUERRA MUNDIAL

João David Zink

Biblioteca Nacional de Portugal

A Biblioteca Nacional de Portugal é possuidora de uma apreciável coleção de cartazes da I Guerra Mundial, sobretudo norte-americanos e franceses. No entanto, esta instituição patrimonial integra apenas um exemplar português coevo, o qual só por ser único constituiria motivo de destaque. Mas a sua singularidade não se fica por aqui. Com efeito, este cartaz não é apenas um entre os muitos cartazes produzidos pelos países beligerantes no contexto daquele dramático conflito, nem um documento histórico anódino ou uma obra esteticamente irrelevante.

Neste estudo de caso, pretendeu-se chamar à atenção para o seu carregado simbolismo, salientando também as diferenças nele expressas relativamente aos cartazes de outros países participantes no conflito, em resultado das respetivas estratégias de propaganda (marketing) político-militar neles praticadas, e ainda identificar o seu anónimo autor.

A análise iconográfica, permitiu demonstrar que o cartaz em apreço foi produzido por Alfredo Roque Gameiro, por ocasião da vinda a Portugal de uma missão inglesa (ou, eventualmente, da missão anglo-francesa que se lhe seguiu) preparatória da participação do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.) na guerra em curso desde 1914 e, que o seu intrincado simbolismo constitui um incentivo ao desempenho guerreiro, compaginado numa alegoria à “vitória”, para cujo concurso a bravura e a determinação são requisitos essenciais.

Finalmente, por via desta comunicação, pretende-se estimular outros investigadores para a pesquisa de novos dados sobre este importante cartaz, que permitam inclusive decifrar o “lettering” que se encontra truncado neste exemplar, e porventura levar à descoberta de outro exemplar e/ou do desenho preparatório do mesmo, assim como abrir o campo para outros enfoques

Palavras-chave: **Cartaz, C.E.P., I Guerra mundial (1914-1918)**

Breve currículo:

- (1988) Licenciatura em História – Variante de História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- (2002) Pós-graduação em Ciências Documentais pela mesma entidade
- (2000-) – Técnico superior da Área de Iconografia e Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal
- (2002) – Co-comissário, com Maria da Graça Garcia, da exposição Fogo de Artifício: festa e celebração, 1709-1880 : coleção de estampas da Biblioteca Nacional. Lisboa: BNP, 2002, tendo sido co-autor do respectivo catálogo (concepção, pesquisa, introdução e notas explicativas).
- (2004) – Co-comissário, com Maria da Graça Garcia, da exposição I Guerra Mundial: cartazes da coleção da BN. Lisboa : BNP, 2004, tendo também sido co-autor do respectivo catálogo (concepção, pesquisa, cronologia e bibliografia)

Trabalhos publicados (selecção):

1994 – «Os painéis de S. Vicente de Fora», in História de Portugal. Dirigida pelo Prof. Doutor João Medina. Alfragide : Ediclube, [1994]. Vol. IV - Os Descobrimentos, tomo I - O mar sem fim, p. 277-288.

2007 – «Um cartaz português da I Guerra Mundial: o jogo simbólico num caso emblemático de marketing político-militar» [Em linha]. Lisboa : BN, 2007. [consult. 2012-01-24]. Disponível em WWW: <URL: <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-cartaz.html>>.

Contactos

email: rh@bnportugal.pt

PORTUGAL, 1913-1918: ACTIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS EM NOTÍCIA CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DO DESPORTO EM PORTUGAL

Fernando Maia

Instituto Universitário da Maia, Portugal

Quando se perfazem 100 anos sobre o início do primeiro conflito bélico ocorrido no século XX, afigura-se-nos pertinente a realização de um estudo sobre as vivências sócio-desportivas mais divulgadas da sociedade portuguesa de então. Como muitas outras, no seu campo, elas são o espelho de uma certa forma de ser e de estar em sociedade. Tendo sido tão violenta as consequências sociais da progressão do conflito, é de esperar também uma diferente forma de apresentação do fenómeno desportivo.

O recurso à memória viva do jornalismo português tem sido uma forma muito utilizada para a realização de estudos desta natureza. O recurso a este tipo de fontes – que nós próprio já utilizámos noutros trabalhos – torna possível identificar e interpretar com um grau de significância relativamente aproximado quais as actividades físicas e desportivas que foram praticadas num determinado período de tempo, perceber como os diferentes aspectos da vida política, económica e social do país tiveram interferência na realização dessas mesmas práticas e compreender o nível de adesão e de repercussão na sociedade. A presente investigação pretende projectar-se num intervalo de tempo que decorre entre 1913 e 1918, isto é, num período pré e durante a 1.ª Grande Guerra, e tem como principal fonte de investigação a revista *Ilustração Portuguesa*. À distância de um século, e num dramático período da história da Humanidade, é forçoso reconhecer que a Europa vivia com grandes problemas sociais, agravados pelo desenrolar da guerra. Portugal, não foi excepção e a sociedade portuguesa também sofreu os dramas desse conflito bélico. O presente trabalho tem por objectivos a resposta às seguintes questões: i) que actividades físicas e modalidades desportivas eram praticadas e/ou que mereciam mais destaque noticioso neste período? ii) qual a importância que lhes era outorgada no contexto sócio-político nacional? iii) como se caracterizou a sua evolução ao longo dos anos em análise? iv) qual a repercussão – se a houve – que o conflito bélico lhe provocou?

Na sua generalidade foram estas as questões levantadas e às quais pretendemos responder na investigação que realizámos. O corpus do trabalho centra-se no âmbito da historiografia do desporto e procura interpretar de que modo as influências políticas, económicas e sociais marcaram um período temporal que ficou assinalado pelo grave conflito bélico e que teve reflexos nacionais e internacionais.

Palavras-chave: **Desporto-história, Desporto-estudo, I Guerra Mundial**

Currículo académico

Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física, pela Universidade de Coimbra. Mestre em Ciências da Educação. Licenciado em Educação Física pela UTL-ISEF Lisboa.

Currículo profissional

Professor auxiliar convidado do Instituto Universitário da Maia. Professor auxiliar convidado na FCDEF – UC. Docente na FL - UC. Docente na ESECoimbra. Técnico Superior de 1.ª Classe no Ministério da Justiça-Direcção Geral dos Serviços Prisionais. Técnico da D.G. D. Docente dos Ensinos Básico e Secundário (1972-1993).

Currículo desportivo

Membro da Escola Técnica Nacional de Rugby (FPR). Árbitro Internacional de Rugby. Director Técnico Regional de Rugby (zona Centro). Treinador da Rugby. Praticante de Rugby (AAC)

Contactos

email: fmaia@docentes.ismai.pt

DEPORTISTAS EN LA TRINCHERA: LA PRIMERA GUERRA MUNDIAL Y SU IMPACTO EN LA PRENSA DEPORTIVA ESPAÑOLA

Juan Antonio Simón

Universidad Europea de Madrid

Esta comunicación pretende analizar la influencia que tuvo la “guerra europea” en el mundo del deporte desde la perspectiva de un país neutral como España. A través del estudio de la prensa deportiva española entre 1914 y 1918, conoceremos cómo influyó el inicio de la I Guerra Mundial en la transformación del contenido que estas publicaciones ofrecieron a sus lectores. Periódicos y revistas como Gran Vida, Heraldo Deportivo, Stadium o El Mundo Deportivo no estuvieron ajenos a cómo el contexto bélico internacional determinó el desarrollo normal de la actividad deportiva dentro y fuera de nuestras fronteras.

Del mismo modo, esta investigación también aspira a dar respuesta a varias cuestiones que entiendo determinantes para poder entender el posicionamiento de la prensa deportiva española ante la guerra: ¿Desde qué puntos de vista analizó la prensa deportiva las interrelaciones entre el conflicto armado y el deporte entre 1914 y 1919? ¿Cómo influyó la guerra en el concepto teórico con el que se entendía la actividad física en España? y ¿Qué temáticas se vieron impulsadas en estas cabeceras con el inicio de la Guerra Mundial y cuál fue su tratamiento? Por otro lado, la guerra también mostró la relevancia que tenía el desarrollo de la condición física entre la población de un país, como medio más seguro para poder contar con un ejército moderno en caso de conflicto armado. La prensa se hizo eco de los perjuicios que el retraso histórico en la difusión de la práctica deportiva estaba provocando en España, convirtiéndose en uno de los factores que habían provocado la pérdida del prestigio y poder internacional que había tenido este país en el pasado.

Las principales publicaciones deportivas se convertirán en voceros de la situación que se vivía en Europa, transmitiendo cómo la guerra estaba influyendo en el desarrollo normal de las competiciones y en la vida de muchas de las grandes estrellas del deporte internacional que estaban luchando por sus países en las trincheras. Al mismo tiempo, se observó un gran aumento en el número de noticias relacionadas con la aeronáutica, con el encarecimiento del precio de la gasolina o con la importancia de la preparación física en los militares.

Palavras-chave: Deporte, Prensa deportiva, España

Licenciado en historia por la Universidad Complutense de Madrid y doctor en Humanidades por la Universidad Carlos III de Madrid. En la actualidad es profesor de historia del deporte en la Universidad Europea de Madrid e investigador asociado en el Centro de Estudios Olímpicos de la Universidad Autónoma de Barcelona. Algunas de sus últimas publicaciones han sido “España ‘82: la historia de nuestro Mundial” publicado en el 2012 por T&B Editores y en donde el autor analiza el Mundial de España en 1982 como símbolo del final de la Transición Española.

Contactos

email: jasimonsanjurjo@hotmail.com

O ESPORTE NAS FORÇAS ARMADAS NORTE-AMERICANAS E BRASILEIRAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CONSIDERAÇÕES COMPARATIVAS

Karina Cancellla

*Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGHC, Brasil
Faculté des sciences du sport et de l'éducation physique de l'Université Lille 2, França
Bolsista Capes - Proc. n°. BEX 14010/13-5*

O esporte, atualmente, pode ser identificado como fenômeno consagrado e praticado no meio militar em todo mundo como ferramenta de preparação do corpo, na forma competitiva e de lazer, além de elemento de projeção do poder e força das instituições. Ao longo do século XX, a prática esportiva foi incorporada às atividades das Forças Armadas (FFAA) em diversas regiões do mundo sob diferentes perspectivas. Este trabalho analisa, em perspectiva comparada, os principais argumentos de legitimação adotados pelas FFAA do Brasil e dos Estados Unidos da América (EUA) para introdução das práticas esportivas no cotidiano de seus militares e as diferentes aplicabilidades dessas práticas nas primeiras décadas do século XX. O recorte temporal estabelecido para a pesquisa foi definido a partir de questões específicas do cotidiano das FFAA brasileiras e norte-americanas em relação à prática de atividades físicas e esportivas: 1914, ano de publicação de manual de atividade física no United States Army e ano inicial da Primeira Grande Guerra; e 1922, ano de realização dos Jogos Esportivos do Centenário no Brasil. Vale destacar que nesse recorte as FFAA dos dois países estiveram envolvidas em ações de desenvolvimento do esporte com o estabelecimento de normatizações específicas; fundação de Ligas Esportivas; e participação em eventos esportivos internacionais (como Jogos Interaliados de 1919, Jogos Olímpicos de 1920 e Jogos do Centenário de 1922). Este trabalho adota a abordagem comparativa “Contraste de Contextos”, apresentada por Skocpol e Somers (1980), buscando analisar as relações das FFAA brasileiras e norte-americanas com a prática esportiva discutindo como as particularidades de cada um dos contextos influenciaram diretamente no processo de legitimação dessas atividades assim como em seus argumentos de defesa. Por meio do método de “análise crítica de documentos” (CALADO; FERREIRA, 2005) de fontes documentais e fontes de imprensa, este trabalho realiza um estudo com contribuições para o campo da “História do Esporte Militar” visando compreender como as FFAA ao redor do mundo incorporaram a prática esportiva entre suas atividades e quais foram suas formas de organização em diferentes condições de atuação. A partir dos elementos analisados, é possível considerar que o envolvimento das FFAA norte-americanas em conflitos internacionais entre final do século XIX e início do XX fomentou a criação de argumentos defendendo a organização de atividades esportivas entre os militares em combate como forma de manutenção do controle do tempo livre e estímulo de características competitivas vistas como úteis nas batalhas. Além desse aspecto, a influência de grupos religiosos no processo de mobilização dos militares norte-americanos, como membros da Young Men's Christian Association, foi importante para a introdução de argumentos moralizantes relacionados ao esporte utilizados ao longo das primeiras décadas do século XX. Já no caso brasileiro, o estímulo à prática de esporte nas FFAA foi defendido principalmente como forma de melhoria do condicionamento físico dos militares e modernização das formas de treinamento, uma vez que até o final do século XIX o processo de formação envolvia basicamente questões teóricas e a defasagem do preparo físico era um ponto que necessitava de maiores atenções.

Palavras-chave: História Comparada, História do Esporte Militar, Forças Armadas

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na linha de História do Esporte e Práticas Corporais Institucionalizadas com período sanduiche na Université Lille 2 - Droit et Santé (França); Bolsista Capes Proc. n°. BEX 14010/13-5; Mestre em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ; Especialista em Educação a Distância pela Universidade Gama Filho; Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Gama Filho. É pesquisadora do Sport - Laboratório de História do Esporte e do Lazer, vinculado ao PPGHC/UFRJ, e realiza pesquisas nos campos da História Militar, História do Esporte e Estudos Olímpicos. Colaboradora do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin. Docente em disciplinas na área de História em instituições civis e militares. Atua ainda em trabalhos de consultoria histórica e pedagógica.

Contactos
email: karinacancellla@gmail.com

O DESPORTO ENQUANTO GUERRA SIMBÓLICA – A “BALA EM FORMA DE BOLA” E UMA BANDEIRA NOS PÉS

César Rodrigues

GHD/CEIS20 da Universidade de Coimbra

O desporto tem dado visibilidade a determinadas visões de Homem e de mundo, em que a supremacia alcançada no «campo desportivo era – e por vezes ainda é – um sinónimo de superioridade de uma civilização ou, ideia infame, de uma raça».

A competição desportiva poderia representar a afirmação de uma sociedade e, ao mesmo tempo, revelar-se como agente unificador de classes, de identidades e de pertença nacional.

Se a atividade do futebol estiver enquadrada num quadro competitivo de sucesso de jogos internacionais com equipas e/ou seleções representantes de nações, a sua utilização pública por parte dos regimes associados a esse êxito tornar-se-á uma oportunidade recorrentemente aproveitada. Assim, os Estados-Nação desencadearam, nalguns casos, políticas tendentes à instrumentalização do futebol, valorizando o seu capital de representação nacional, permitindo reproduzir quotidianamente um “nacionalismo banal”.

Desta forma, as seleções acabaram por se tornar um privilegiado instrumento de unidade nacional, uma vez que, na linha do defendido por Hobsbawm, uma equipa composta por um conjunto de onze jogadores permite representar e de alguma forma materializar uma comunidade de milhões de pessoas.

Com o aparecimento das competições desportivas internacionais, a própria linguagem de cariz militar associada, muitas vezes, ao futebol servia como analogia para as regras patrióticas de defesa da nação, fazendo do desporto uma outra forma de fazer a guerra.

O futebol cumpria o papel de mediar o «nosso instinto natural de guerra» ou de «instrumento simulador de guerra entre dois grupos rivais» que combatem no campo de jogo pela vitória e dominação do oponente.

A retórica do desporto enquanto guerra simbólica ganharia maior protagonismo após a Primeira Grande Guerra. Para tal, terá contribuído também o elevado potencial nacionalista do desporto num período em que os nacionalismos eram empolados um pouco por toda a Europa.

Sabendo-se que a imprensa – por não ser imune ao tempo histórico em que se insere – refletirá no discurso a sua interpretação da realidade política e reconhecendo-se a influência dos meios de comunicação na representação social, cultural e política do futebol, procurar-se-á, na presente comunicação, examinar alguns exemplos e seus contextos em que a imprensa portuguesa terá associado ao desporto um discurso de guerra simbólica e de retórica nacionalista, entre a Ditadura Militar e o Estado Novo..

Palavras-chave: **Desporto, Futebol, Seleção, Guerra simbólica, Nação**

Mestre em História Contemporânea, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC).

Licenciado, pré-Bolonha, em História, variante Arqueologia – Ramo de Formação Educacional, pela FLUC.

Investigador colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20.

Membro do Grupo História e Desporto – IHC/UNL-CEIS20/UC. Colaborador na organização de eventos científicos nas áreas da História, Desporto e Comunicação e autor artigos e conferências. Doutorando em Estudos Contemporâneos (CEIS20/UC). Professor de História desde 2001.

Contactos

email: cesarseter@gmail.com

¿ESTADIOS O TRINCHERAS? EL DEPORTE Y LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA (1936-1939)

Xavier Pujadas Martí

Universitat Ramon Llull, Barcelona, Espanha

Esta ponencia tiene como objetivo básico analizar el rol social, político, ideológico y diplomático del fenómeno deportivo en España durante la Guerra Civil (1936-1939), en el contexto más amplio de la masificación deportiva durante la primera mitad del siglo XX en Europa. Se trata de una aportación basada en estudios previos realizados y publicados por el autor en la última década, y en otras investigaciones académicas recientes y en curso. Los objetivos específicos del trabajo se centran en aportar elementos de análisis válidos para el marco general del Congreso, en cuanto a la relevancia de los trabajos sobre deporte y conflictos bélicos, su instrumentalización ideológica y política y la necesidad de desarrollar estudios locales al respecto.

La ponencia se estructura en cuatro apartados fundamentales. En primer lugar se analiza a modo de síntesis un estado de la cuestión sobre la literatura publicada y los últimos estudios existentes alrededor de las actividades deportivas durante los conflictos bélicos contemporáneos, fundamentalmente en el siglo XX. En segundo lugar se plantea una interpretación general sobre el rol del fenómeno deportivo en la Guerra Civil Española, a partir de los estudios existentes en la historiografía hispánica. Posteriormente, se caracteriza y se compara la instrumentalización social, política e ideológica del deporte en la retaguardia republicana y en la zona dominada por el ejército franquista. Al final, se reflexiona sobre las conclusiones del estudio en relación a la importancia del fenómeno deportivo contemporáneo en el período de la guerra civil, como escenario previo al estallido de la Segunda Guerra Mundial y a las tensiones en un mudo bipolar posteriores a 1945.

Palabras-chave: **Guerra Civil Española, Historia del deporte, Historia de España**

Doctor en Historia Contemporánea y profesor titular de la Universitat Ramon Llull, donde imparte Historia Social del deporte desde el año 2000. Es coordinador del Grupo de Investigación e Innovación sobre Deporte y Sociedad (GRIES) y fellow del European Committee for Sports History. Entre sus obras más recientes, destacan *La metamorfosis del deporte* (Barcelona, UOC, 2010), *Atletas y ciudadanos. Historia Social del Deporte en España* (Madrid, Alianza, 2011), o su participación en la obra *Identités sportives et revendications regionales (XIX-XX siècles)* (Grenoble, PUG, 2013).

Contactos

email: xavierpm@blanquerna.url.edu

O FUTEBOL DURANTE A GUERRA CIVIL ESPANHOLA: SINGULARIDADES DO F C BARCELONA

Alcino Pedrosa
GHD-IHC/CEIS20, Portugal

O F C Barcelona, pelas suas singularidades, constitui um caso interessante de estudo. Nasceu sob a tutela e inspiração de Joan Gamper, por iniciativa de um grupo de estrangeiros, que procuravam organizar-se social, cultural e desportivamente na comunidade catalã. A partir da década de 1920, assistimos, no entanto, a uma transformação profunda no clube, que, de associação cosmopolita e elitista, se torna numa bandeira da região, capitalizando o vazio criado pela extinção do Catlà FC e as reivindicações políticas e culturais do nacionalismo catalão (Santacana, 2008). Alguns episódios ajudam a entender esta mudança, a saber: o apoio de Joan Gamper à criação do Comité Olímpico Catalão, em 1914; o jogo contra o Clube Esportiu, em 1925, que culminou na punição severa do F C Barcelona e o assassinato de Josep Sunyol, presidente do clube, pelos exércitos franquistas, em 1936.

Importa, no entanto, sublinhar que quando o governo republicano assumiu o poder, em 14 de abril de 1931 era já nítido o comprometimento social, político e cultural do F C Barcelona com o novo executivo. No Boletim Oficial do clube, podia ler-se, em Outubro de 1931, numa declaração inequívoca desta cumplicidade. “A nossa missão ultrapassa os simples propósitos desportivos, não podemos ficar indiferentes às mudanças que mobilizam atualmente o nosso país. Muito mais que a vitória num jogo ou campeonato, o que está em causa, neste momento, é o nosso destino”.

Este comprometimento reforçou-se durante a guerra civil, com o F C Barcelona (que de agosto de 1936 a novembro de 1937 foi gerido por uma comissão de trabalhadores) a envolver-se diretamente no conflito, cedendo as suas instalações para sessões de esclarecimento e as suas equipas para jogos de beneficência em apoio às vítimas da guerra e aos refugiados.

A abordagem destes episódios ajuda-nos a compreender a singularidade do FC Barcelona, que, sendo inicialmente “una equipo de los extranjeros”, como afirmavam os seus rivais madrilitas, se afirmou, durante a guerra civil, como símbolo da Catalunha, com o adepto a manter com o clube “una relación ambivalente de amor y rechazo, de fanatismo y crítica despiadada, aunque una y otra vez vuelva, domingo tras domingo, al Nou Camp” (Montalbán, 2006).

Palavras-chave: **Guerra Civil, Nacionalismo, Catalunha**

Alcino Pedrosa: professor do ensino secundário; mestre em História Cultural e Política; membro do Instituto de História Contemporânea (FCSH – UNL) e do Grupo História e Desporto (IHC – CEIS 20). Autor de vários livros e artigos nas áreas de História do Pensamento Económico e História do Desporto.

Contactos
email: alcinopedrosa@gmail.com

EL DEPORTE EN LA CIUDAD DE VALENCIA, CAPITAL DE LA REPÚBLICA ESPAÑOLA (1937).

Víctor Agulló Calatayud

Departament de Sociologia i Antropologia Social. Facultat de Ciències Socials. Universitat de València (Espanha)

Recaredo Agulló Albuixech

Historiador y filólogo. Associació d'Amics de la Federació Universitaria Escolar (FUE)

La siguiente comunicación pretende dar a conocer y poner en valor la incidencia social del deporte durante la Guerra Civil Española. Centramos nuestra atención en la ciudad de Valencia que, en buena parte del año 1937, fue capital de la España Republicana, una vez el gobierno de la nación tuvo que abandonar la ciudad de Madrid, ante el acoso del ejército nacional de Francisco Franco. ¿Qué lugar ocupó la práctica del deporte en la ciudad de Valencia? En este primer apartado se comentarán las diversas competiciones que tuvieron lugar, así como su ámbito geográfico. Del mismo modo se tratará de ver cómo fueron controlados los principales clubes por los sindicatos y los partidos políticos. Seguidamente se analizarán las actividades deportivas con más impacto entre la población: fútbol, pelota valenciana, pelota vasca, boxeo y carreras de galgos que fueron las que concitaron un mayor número de aficionados, y que, en ocasiones, sirvieron para manifestar las tensiones que suponía vivir bajo la amenaza de los bombardeos, la escasez de alimentos y las notificaciones del fallecimientos de seres queridos, entre otras vicisitudes.

Otro de los apartados a destacar vendrá dado por los lugares en los que se celebraban estas competiciones y por las causas, en muchas ocasiones solidarias, que originaron la celebración de estos encuentros. Los deportistas más destacados también formarán parte de nuestro interés y aportamos testimonios personales de algunos de ellos que conocimos personalmente una vez las circunstancias políticas permitieron su regreso a Valencia. Igualmente prestaremos atención a aquellos que permanecieron en el País Valenciano y fueron represaliados o fusilados por auxilio a la rebelión. Por todo ello el estudio del exilio "deportivo" formará parte de nuestra comunicación y en este sentido el análisis de la prensa de la época será de una gran valía, así como los datos que algunos de ellos dejaron en sus memorias. Destacaremos los nombres propios de los deportistas más destacados que apoyaron la causa de la España democrática y que tuvieron que dejar la tierra que les vio nacer y rehacer sus vidas en países lejanos: Argentina, México, Rusia, Argelia o Francia, entre otros.

En la parte final de nuestra comunicación mostraremos las consecuencias que tuvo para Valencia y para España el desenlace de la Guerra Civil, la pesada losa que supuso en el devenir deportivo de la nación y las secuelas que dejaron. En este punto el estudio de la práctica deportiva entre las mujeres durante los años de la República y en las 4 décadas de la dictadura franquista es un excelente exponente de la concepción de la vida social y de la distribución de roles entre los hombres y las mujeres. Para terminar expondremos una serie de conclusiones con las que esperamos contribuir a tener una visión más amplia de lo que fue el deporte en una guerra y en especial cuando ésta enfrenta a personas, familias o territorios de un mismo país.

Palabras-chave: **Guerra Civil Española, Solidaridad, Exilio**

Víctor Agulló Calatayud, es doctor y profesor de Sociología en la Facultat de Ciències Socials de la Universitat de València donde imparte Sociología del Deporte, Análisis del Entorno Social o Técnicas de Investigación Social. Sus líneas de investigación se centran en los hábitos deportivos de la población valenciana, la prevención en drogodependencias y la divulgación científica. Está en posesión del "Diploma de Especialista en Investigación Social Aplicada y Análisis de Datos" del Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS) y ha completado su formación en metodología cualitativa en el National Development Research Institute (NDRI) de Nueva York (Estados Unidos). Ha sido profesor invitado en universidades de Brasil, Islandia, Bélgica, Portugal y Uruguay. Redactor de las voces de pilota valenciana, deportes tradicionales valencianos y la Sociología de la Gran Enciclopedia de la CV (Generalitat Valenciana). Coordinador del libro «Los Valencianos en Uruguay». En atletismo, ha sido campeón autonómico de 800m.

Recaredo Agulló Albuixech, nació en Valencia en 1947. Licenciado en filología francesa e inglesa por la Universidad de Valencia. Catedrático de francés. Doctor en Filología por la Universitat de València (2000). Licenciado en Historia Contemporánea. Su investigación se centra en las áreas de la lexicología, lexicografía y sociolingüística del léxico deportivo, así como en la historia del deporte valenciano.

Contactos

email: victor.agullo@uv.es

DE LA PRIMERA A LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: LA REPRESENTACIÓN DEL FÚTBOL EN EL CINE

Jesús Calderón García
Universidad de Sevilla, Espanha

El desarrollo de la Primera y la Segunda Guerra Mundial irrumpe en la expansión del fútbol, especialmente en el ámbito europeo. El cine no ha sido ajeno a ello y, aunque de forma escueta, se ha fijado en su desarrollo en los países más afectados por los grandes conflictos bélicos y en algunas de sus historias más épicas, donde la política se entromete en un deporte que empezaba a ser de masas.

Este estudio pretende realizar un repaso a algunas de estos films, centrándose en el tratamiento que se realiza del fútbol y las historias reales en las que se basan. A principios del siglo XX, el fútbol comienza a adquirir un carácter global que se ve detenido durante la Primera Guerra Mundial, por lo que son pocas las historias que recoge el cine sobre este periodo. Como la película rusa *Garpastum* (Alexei German, 2005), sobre dos hermanos de San Petersburgo, obsesionados con el balompié y cuyos sueños se ven truncados con el inicio de la guerra. La película francesa *Feliz Navidad* (*Joyeux Noel*, Christian Carion, 2005) trata el informal armisticio que se produjo el 24 de diciembre de 1914 entre soldados franceses, británicos y alemanes y, en ella, se representa la disputa de un partido de fútbol en medio de aquel “hermanamiento” espontáneo, del que se hicieron eco algunos medios como *The Times*.

En el periodo de entreguerras, la globalización del fútbol alcanza su culmen con la disputa de la primera gran cita internacional organizada por la FIFA: el Mundial de fútbol de Uruguay 1930, al que acudieron trece selecciones. Entre ellas Yugoslavia que, como muestra la película *Montevideo, God bless you!* (*Montevideo, bog te video!*, Dragan Bjelogrić, 2010), tuvo que enfrentarse a los mismos problemas que otros combinados: la negativa de los clubes a ceder a sus jugadores, la de las empresas a perder a sus trabajadores durante varios meses o el largo viaje en barco de Europa a Montevideo.

Con la Segunda Guerra Mundial, el cine se inspira, sobre todo, en el fútbol como un símbolo de resistencia a la ocupación nazi. *Evasión o Victoria* (*Victory*, John Huston, 1981) y *Half Times in Hell* (*Két féldő a pokolban*, 1963, Zoltán Fábri) emulan el llamado “partido de la muerte” del equipo ucraniano del FC Start, que acabó con la persecución de sus jugadores. Otras películas recogen hechos similares, como *The Third Half* (*Treto poluvreme*, Darko Mitrevski, 2012). En ella, se narra el intento de profesionalización del FC Macedonia, que se ve interrumpido por la llegada de los alemanes, la manipulación por parte de las nuevas autoridades y la persecución a los miembros judíos del equipo.

El análisis de estos films, además de comparar los hechos reales y cómo se han llevado a la ficción, pretende fijarse en los valores representados a través del fútbol en unos años marcados por los dos grandes conflictos.

Palavras-chave: **Fútbol, Cine, Primera y Segunda Guerra Mundial**

Su posición de doctorando la ha combinado hasta ahora de forma profesional en diferentes medios de comunicación. Ha sido presentador y redactor de deportes en Castilla-La Mancha Televisión, retransmitido partidos de fútbol como colaborador para Canal Extremadura Radio y Onda Regional de Murcia, y ha pasado por diferentes redacciones como las de Televisión Española (TVE), Canal Sur Radio, 20 Minutos o Sevilla Fútbol Club TV, así como de diferentes medios regionales y locales de prensa, radio y televisión, en todos los casos siempre ligado al área de deportes.

Licenciado en Periodismo, tras obtener el Máster Oficial en Guion, Narrativa y Creatividad Audiovisual por la Universidad de Sevilla con la investigación sobre Series de temática deportiva. Estudio comparativo entre *Friday Night Lights* y *Pelotas* (2011), en la actualidad realiza la tesis doctoral *La ficción televisiva en las series de temática deportiva*. Un estudio narrativo. Ambos proyectos han sido dirigidos por el Doctor D. Joaquín Marín Montín, de la Universidad de Sevilla.

Contactos
email: jesuscalderongarcia@hotmail.com

“OLIMPIADAS PERSHING” - OS JOGOS INTER-ALIADOS DE 1919

Rita Nunes

GHD/IHC - FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Os Jogos Inter-aliados, também chamados de ‘Olimpíadas Pershing’, foram realizados em 1919, em Joinville, nos subúrbios de Paris, entre 22 de junho e 6 de julho.

Este evento desportivo foi organizado sob o comando do General John J. Pershing, comandante das forças norte-americanas na Europa, após dois meses do final da I Guerra Mundial.

Dirigido aos militares que tinham participado na Guerra ou que tinham servido as forças militares dos países aliados, foram dezoito as nações que aceitaram participar. Oriundos dos cinco continentes estiveram em prova cerca de 1500 atletas que competiram em 24 modalidades, durante 15 dias.

De acordo com relatório oficial do comité organizador dos jogos, Portugal participou com 51 atletas nas modalidades de esgrima, natação, pólo-aquático, remo e tiro.

Na Cerimónia de Abertura, realizada no Estádio Pershing, onde mais de vinte mil espectadores estiveram presentes, as delegações desfilaram frente à tribuna onde os presidentes Woodrow Wilson, dos Estados Unidos da América e Raymond Poincaré, de França, se encontravam. A imprensa da época destacou as ausências da delegação portuguesa e da bandeira nacional.

Os resultados alcançados na modalidade de esgrima foram os que mais se destacaram: 2º lugar, medalhas de prata nas competições por equipas, em Espada e em Sabre e na vertente individual, em Espada, conquistada pelo Tenente Jorge Paiva.

No final dos Jogos Inter-Aliados de 1919 o Estádio Pershing foi oferecido ao povo francês pelos Estados Unidos da América sendo ainda hoje utilizado como uma área de recreação ao ar livre.

Fontes e Bibliografia:

Arquivos: Arquivo Histórico Militar.

Publicações periódicas: A Capital; Os Sports.

Bibliografia:

The Inter-Allied Games Official Report, s/l, Committee Games, 1919.

MORROW, Dow, The Inter Allied Games of 1919, Paper presented to the North American Society for Sport History, 2003, disponível para download em: http://works.bepress.com/donald_morrow/59

NUNES, Rita, “Jogos Interaliados” in Dicionário de História da I Guerra Mundial, (Coord.) Maria Fernanda Rollo, Aniceto Afonso, Ana Paula Pires e Luís Alves de Fraga, Temas e Debates (em preparação).

VALARINHO, José, Espadas e Floretes: Contribuição para a História do Desporto em Portugal, Maia, Gráfica MaiaDouro, 1993.

Palavras-chave: I Guerra Mundial, Olimpíadas, Pershing

Doutoranda em História Contemporânea na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Mestre em Estudos Olímpicos pela University of Peloponnese (Grécia), licenciada em Ciências do Desporto – Gestão do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

É investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. É actualmente Directora do Gabinete de Estudos e Projetos do Comité Olímpico de Portugal.

Contactos

email: itaa.nunes@gmail.com

JAPANESE IMPERIALISM AND JUDO IN TAIWAN 1895-1945

Dong-Jhy HWANG

Professor, Graduate Institute of Physical Education National Taiwan Sport University, Taiwan

Chung-Hsing CHEN

National Taiwan Sport University and Taiwan Police College, Taiwan

Judo was introduced to Taiwan through Japanese imperialism since 1895. Over the last century, there are very few relevant studies of the Taiwanese Judo through the historical sociological perspectives. In particular, sport played a significant role during the Japanese colonial period. Judo is not only a sport, but also as a cultural tool of the Japanese imperialism. Several western scholars have made great contributions on the study of sport and imperialism. However, there are still rare in Taiwan. A number of some will be discussed in this paper: How did Judo introduce into Taiwan? How was the relationship between sport and Japanese imperialism? How was the development of Judo during Japanese colonial period? How and when did judo become one of important sports in the Taiwanese society? In order to answer those questions, this paper intends to apply the methodology of historical sociology to examine the development of Judo through sociological theories, relevant literatures, articles, historical events and theories. In sum, judo is as an important cultural symbol of Japanese imperialism which has been influenced the development of judo in Taiwan over the last century.

Palavras-chave: **Japanese imperialism, judo, Taiwan**

Dong-Jhy Hwang is Professor of Sociology of Sport at National Taiwan Sport University. He obtained his MA degree in Physical Education from the University of Warwick and received his PhD in sports studies from the University of Stirling. His research interests include sport and postcolonialism, sport and national identity, and sports in China, South Korea and Taiwan. He is the founder and former president of the Taiwan Society of Sport Sociology and founding editor of the East Asian Sport Thoughts: the International Journal for the Sociology of Sport (EAST).

Chung-Hsing Chen is Lecturer of Sport at Taiwan Police College. He obtained his MA degree in Sport History from the National Taiwan Sport University and he is doing his PhD research in Judo history in Taiwan at the National Taiwan Sport University. His research interests include cultural imperialism, Judo and sport history in Taiwan.

Contactos

email: tonhwang@hotmail.com

SURVIVAL STRATEGY OR BLOODY VIOLENCE? BOXING IN CONCENTRATION AND EXTERMINATION CAMPS

Doriane Gomet

Doctorate in sport history, IFEPSA, Angers (France)

Although sport can help developing hygienic and recreational goals it also can be a means of enslaving and torturing people. Such disturbing ambivalence is at the heart of this paper, which mainly focuses on boxing among French prisoners in the concentration and extermination camps during 1940 and 1945.

Three different conditions and significances of boxing are considered: i) the fights and training sessions practiced by certain privileged deported people; ii) the boxing matches organized by the SS and imposed to the deportees who were known for their skills in boxing; iii) the fights imposed to the deportees to punish or even to kill them. For instance certain deported people serving as Kapos or Blockaltester used other prisoners to do shadow boxing, to train or even to reduce them to punching balls, knowing that they use frequently the other prisoners by way of sandbag. As for performances the Nazis let deported people train; they gave them more substantial food rations and imposed them to take part in fights organized on a real boxing ring on Sundays, where prisoners had to fight against themselves or against SS.

On top of the known literature on the history of the concentration camp system (Broszat, Wormser-Migot, Orth, Sofsky) and various camps monographs (Fabréguet), the study is based on records kept in Paris (National Archives, Centre for Contemporary Jewish Documentation, Archives of Victims of Contemporary Conflicts) and Berlin (Bundesarchiv). It also uses documents from the Association of Mauthausen and Gedenkstätte (museum) of this last camp, but also from the camps of Dachau and Buchenwald. The corpus is completed with minutes of the tribunal held after the war, including the famous Frankfurt trial, and with several interview published in the decade which followed the end of the war, twenty-three testimonies from former prisoners of Auschwitz, twenty from Mauthausen, twenty-five from Buchenwald and twenty-three from Dachau.

The study shows that the specificity of the camps, whose foundations were laid in Dachau in 1933, had important implications in all aspects of the daily life of prisoners: while some enjoyed leisure time, a majority tried to survive and escape from various forms of violence, mobilizing strategies between accommodation and resilience.

Palavras-chave: **World War II, Concentrations Camps, Boxing**

Current missions

Lecturer at the university level in the Institut de Formation en Education Physique et Sportive d'Angers (IFEPSA)

University education and Contest Statuts

2012: Dissertation in Sport science and contemporary History

Subject: Le corps captif, entre torture et accomplissement. Sports et pratiques corporelles chez les déportés, prisonniers de guerre et travailleurs forcés français (1940-1945). (The Captive Body: between Torture, Personal Resilience and Self-Revelation. Sports and Corporal Practices among French Concentration Camp Prisoners, POWs and Forced Workers (1940-1945). Phd.co-supervised by Prof. Dr. Thierry Terret (CRIS University LYON 1, France) and Prof. Dr. Wolfram Pyta (Stuttgart University, Germany)

Major Publications

Gomet (Doriane), "From Punishment to Death : Body Practices for Deported Women in Nazi Camps", The International Journal of the History of Sport, Vol. 30, Issue 9, Special Issue: Historical Approaches to Sport and Physical Education Around the Globe, Vol. 30, Issue 9, May 2013, p. 934-949 (DOI : 10. 1080/09523367.2013.782539).

Gomet (Doriane), « Sport et antisémitisme dans la presse parisienne durant la Seconde Guerre mondiale », Stadion, Bd. 35, 2009, p. 297-320.

Gomet (Doriane), Terret (Thierry), "To be a Jew and Champion in Vichy's France: Alfred Nakache - from the Swimming Pool to the Nazi Camps (1940-1944)", The International Journal of History of Sport, Vol. 26, Issue 15, December 2009, p. 2182-2200. (DOI: 10.1080/09523360903367669).

Contactos

email: doriane.gomet@wanadoo.fr

‘CHAINED OLYMPIC GAMES’ SPORTS COMPETITIONS IN NAZI PRISONER-OF-WAR CAMPS IN THE YEARS 1940 AND 1944 ON THE BASIS OF THE COLLECTION OF THE MUSEUM OF SPORTS AND TOURISM IN WARSAW.

Tomasz Jagodzinski

Museum of Sports and Tourism in Warsaw, Poland

The Museum of Sports and Tourism in Warsaw (est. 1952) possesses a large and unique collection of exhibits related to the Games held in POW camps in the Olympic years 1940 and 1944. It is the only institution in the world, which gathers that kind of artifacts. On the 70th anniversary of the events in the POW camp IIC Woldenberg and IID Gross-Born, the Museum wants to remind and reinvent the people and the sports history of Polish prisoners-of-war in the Nazi camps.

The clandestine international sports competitions were held in the stalag XIII A Langwasser-Nuernberg in 1940. Souvenirs of the games (e.g. Olympic flag, diploma for the winner, prize pennant, handwritten book of sports poetry) were secretly and ingeniously taken away a few weeks later. They were donated to the Museum of Sports and Tourism in Warsaw by one of the captives-sportsmen, Teodor Niewiadomski, in the 90s. The story of that events inspired screenwriters and directors to make a film entitled ‘Olympic Games 1940’.

In the years 1940 – 1944 sport was legal in oflags. Officers were establishing clubs, which rivaled regularly – a cup for the winning team was awarded every year. Physical activity was a kind of therapy, it was giving an illusion of freedom to the captives. That is why sport became very important, especially to senior officers.

In 1944 the Olympic Games in London were going to be held, but the worldwide military conflict made it impossible. Nevertheless, the officers imprisoned in oflags organized competition named ‘Olympic Year 1944’. There are two cups made from mess kits, as well as Olympic flag, diplomas, post stamps and photographs in the collection of the Museum of Sports and Tourism in Warsaw.

The 70th anniversary of these events (1944 – 2014) bowed the employees of the Museum to prepare a whole project entitled ‘Chained Olympic Games’, consisting of an exhibition, academic conference, publications, as well as presentations and lectures during international congresses and conferences – especially in regard for the fact, that people’s interest in that topic has been growing.

Palavras-chave: POW camps, Olympic Games, Second World War

Tomasz Jagodzinski (born 21st December 1958) has been a Director of Museum of Sports and Tourism in Warsaw since 2008. In the years 1991 – 1993 he was a member of Polish Senate. Graduated from the Faculty of Journalism and Political Science at the Warsaw University, he worked as a journalist for over 20 years – both in Poland (over a decade in the oldest Polish sports newspaper, ‘Przegląd Sportowy’; 3rd Programme of the Polish Radio; TVP Polonia Television) and abroad (‘Alfa’ magazine, Chicago). He gave press and radio relations from five Olympic Games: Atlanta 1996, Sydney 2000, Athens 2004, Turin 2006 and Vancouver 2008. He has been a member of International Sports Press Association and Polish Sports Journalists Club for almost 30 years.

Contactos

email: muzsport@muzeum sportu.waw.pl

O "FOOT-BALL MULATO"! A SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1938: O NASCIMENTO DA TRADIÇÃO DO FUTEBOL "TÍPICAMENTE" BRASILEIRO

Felipe Morelli Machado

Pontifícia Universidade Católica-São Paulo, Brasil

Esse trabalho se dedica a analisar a participação brasileira na Copa do Mundo de 1938, disputada na França, com o propósito de destacar o peso do futebol para a construção da identidade nacional na sociedade brasileira, mas também no intuito de valorizar a própria excepcionalidade daquele acontecimento na vida do Brasil e no cenário internacional, em um contexto de iminência da Segunda Guerra Mundial, em que estadistas como Adolf Hitler e Benito Mussolini faziam dos esportes e das seleções de futebol de seus países instrumentos propagandísticos dos regimes nazista e fascista.

Para o senso comum - e até mesmo para certa parcela de estudiosos da história do futebol brasileiro, nos dias de hoje, falar de seleção brasileira e Copa do Mundo é rememorar os títulos mundiais; é fazer menção aos muitos craques, como Didi, Garrincha, Pelé, Gerson, Tostão, Rivelino, Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, e tantos outros, em lista infindável de heróis que a narrativa das Copas nos traz. É também lembrar as mais duras derrotas, como a "tragédia" do Maracanazo (derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo, em pleno Maracanã), em 1950, episódios que, por sua vez, oferecem uma lista inacabável e muitas vezes injusta de vilões.

Contudo, quando nos dispomos a caminhar um pouco mais no tempo é como se tratássemos da "pré-história" da seleção brasileira nos mundiais; uma parte não tão "digna" do esforço da lembrança e do ardor da pesquisa, como um percurso não tão atrativo à epistemologia histórica, no que diz respeito ao futebol brasileiro. É a esse desafio que nos lançamos a fim de analisar a Copa de 1938, enquanto momento singular de afirmação da tradição de um futebol "tipicamente brasileiro": o "futebol mulato" (como caracterizado pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre), expressão cultural de um povo brasileiro marcado pela mestiçagem. A Copa do Mundo de 1938 se apresentaria como o momento em que os brasileiros teriam finalmente se encontrado com a quintessência de sua identidade, apresentando-a aos europeus, nos gramados franceses, e proporcionando o deleite do contraste entre o futebol do Velho Continente e o futebol "abrasileirado".

É no exame desse episódio que podemos observar em que medida a composição de uma tradição futebolística brasileira vai ganhando seus contornos mais nítidos, ao mesmo tempo em que o futebol vai se afirmando, cada vez mais, como símbolo da nação brasileira, naquele contexto histórico. Uma campanha que serviria não só à tentativa de imposição do projeto político do governo ditatorial de Getúlio Vargas, voltado para a construção da unidade nacional, como também ofereceria aos torcedores brasileiros um lugar social e simbólico para o questionamento da ordem vigente, a partir da resignificação daquele empreendimento e da oposição aos princípios e aos padrões de participação que lhes eram impostos pelos grupos dominantes da sociedade brasileira.

Palavras-chave: **Futebol, cultura, identidade**

Felipe Morelli Machado é graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF / 2003-2008), mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP / 2009-2011) e doutorando em História Social pela PUC-SP, (início em 2012) como bolsista integral CNPq, onde desenvolve pesquisa sobre futebol e identidade brasileira.

Contactos

email: felipemachadopuc@hotmail.com

ESTADO NOVO E FUTEBOL DURANTE A II GRANDE GUERRA

Sérgio Mendes

Instituto Politécnico da Guarda

No eclodir da II Grande Guerra o Estado Novo está plenamente instituído, ao mesmo tempo que o futebol está enraizado na sociedade portuguesa. O ideal do liberalismo político republicano fora afastado com a instituição da Câmara Corporativa e a criação da União Nacional. A difusão de ideais contrários ao regime, principalmente de esquerda, é ameaçada diariamente pelos serviços de censura prévia, enquanto os responsáveis por tais comportamentos são vigiados e perseguidos por uma polícia política.

Em 1939 o Campeonato Nacional de futebol, organizado em moldes semelhantes aos atuais, atinge a sua meia dezena de edições. A febre da modalidade é uma realidade inegável, visível nos campos lotados conforme o testemunhava a comunicação social da época – imprensa e rádio. Os seus intervenientes – jogadores, treinadores e dirigentes – começam a ser reconhecidos socialmente. O seu estatuto permite-lhes a adoção pública de comportamentos e o estabelecimento de relações com conotações posições políticas melindrosas para o regime, sem que os seus comportamentos sejam penalizados conforme seria previsível, atendendo a sua relevância. Emergem nomes como Artur Quaresma, Mariano Amaro e José Simões (jogadores do CF “Os Belenenses”), Dr. Augusto da Fonseca Júnior, Félix Bermudes, Manuel da Conceição Afonso (presidentes do SL Benfica) ou Cândido de Oliveira, deportado no Tarrafal. São estas liberdades concedidas ao futebol, e aos seus agentes, que o regime procurará controlar no início da década de 40 com a publicação de legislação intervencionistas que condiciona política, financeira e desportivamente, a vida dos clubes e, por conseguinte, dos seus dirigentes e atletas.

Com a criação da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar o regime chama a si a superintendência das “actividades desportivas”, com poderes para “intervir na selecção das pessoas” ou para “exercer autoridade disciplinar sobre” atletas, dirigentes ou organizações desportivas. Através do regulamento deste organismo, em 1943, são definidas algumas normas que condicionam e oneram o quotidiano dos clubes, tornando obrigatório a introdução de aulas de ginástica, a realização exames médicos e fazendo depender a transferência de jogadores da verificação de alguns pressupostos que, ocasionalmente, eram contornados através de um clientelismo dirigente emergente. Condena-se o profissionalismo ao mesmo tempo que se sujeitam os jogadores a uma classe dirigente também dependente, mas do poder político central.

À produção legislativa, muito condicionadora da ação de todos os intervenientes desportivos, acresce os projectos públicos que colidiram com os interesses e o património de alguns dos principais clubes. As expropriações daí resultantes limitaram historicamente a vida de clubes como o Casa Pia, o Belenenses ou o Benfica, nos quais deambulavam elementos com ligações à oposição. Retirando-lhes autonomia, o Estado Novo submeteu à sua dependência jogadores, dirigentes e clubes. Mas, contrariando o que seria previsível, o regime contribuiu, indirectamente, para o desenvolvimento da modalidade. Durante o conflito, técnicos e jogadores de qualidade internacional procuraram refúgio em Portugal e nos seus clubes contribuindo para uma evolução técnico-táctica.

Palavras-chave: **Estado Novo, Futebol, II Guerra Mundial**

Sérgio Mendes, Mestre em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, pelo Instituto Politécnico da Guarda (IPG), com a apresentação do Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com um capítulo intitulado “O Estado Novo através do Futebol”, orientado pela Professora Doutora Ana Margarida Fonseca. Licenciado em História – Ramo de Formação Educacional, pela FLUC com a apresentação do projeto “O Estado Novo e o futebol português nos anos 50 e 60” orientado pelo Professor Doutor Luís Reis Torgal. Docente de história, formador do Instituto de Emprego e Formação Profissional e árbitro de futsal dos quadros da Federação Portuguesa de Futebol.

Contactos

email: sergioalbicastrense@gmail.com

FUTEBOL E POLÍTICA. UM INSTRUMENTO NA CONSTRUÇÃO DO MITO

Márcio Domingues

Centro de Pesquisa de Estudos Sociais (CPES) / Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT)

O estudo procura através de uma análise de estudo de caso, aprofundar e explorar a percepção do desporto (futebol) em dois momentos marcadamente distintos através de uma sistematização mais profunda, a abordagem ecológica. A ideia generalizada de que o desporto (macrosistema A) e, neste particular, o futebol tinha sido intensamente politizado e instrumentalizado no período do Estado Novo é posto em causa entre investigadores. O Estado Novo não era um regime fascista como os regimes de Mussolini ou Hitler. A ideia subjacente é a tentativa de controlar todos os aspectos da vida, o futebol, em especial serviu de montra de sucesso face a outros regimes na Europa. A ascensão de Hitler coincidiu com a internacionalização do futebol como fenómeno cultural. Embevido na filosofia do regime nazi, na crença inabalável da superioridade da raça Ariana (Pessoa no modelo de Bronfenbrenner), esta deveria naturalmente superiorizar-se em competição; Portanto, o futebol e o campeonato alemão, ao banir jogadores judeus, certificou o apoio ao regime e um mecanismo de proliferação política e influência sobre a classe burguesa (Processo na ideia de Bronfenbrenner). Portanto, uma forma de expressão política, propaganda e identidade. Em outra análise, o futebol pode ser visto como uma manifestação de guerra; duas equipas, ideias diferentes, em constante jogo estratégico de ataque e defesa.

A edificação de estádios sumptuosos levanta, contudo, a questão da politização dos recintos desportivos e dos fins com que estes foram apoiados pelas autoridades do regime, um interesse mais particular do que colectivo e menos uma estratégia concertada segundo alguns investigadores (Coelho e Pinheiro, 2002) comparativamente com a significado moderno do desporto. Não obstante, o desporto como espaço privilegiado de educação e desenvolvimento de valores defendidos pelo Estado Novo (macrosistemas B), era antagonico com a política de massas e profissionalização de qualquer modalidade como sucedia noutros regimes fascistas e como sucede actualmente. Em contraposição, o estudo procura dar enfoque e reflectir sobre o futebol como fonte de exaltação nacional e instrumento do poder instalado. De acordo com Bronfenbrenner (2005), o macrosistema é representado por sistemas de crenças, recursos, oportunidades, estilos de vida, opções de curso de vida e padrões de mudança sociais inseridos nos sistemas, ou seja, os padrões similares de estilos de vida e ideologias que se refletem nas metas e práticas de socialização. Desse modo, as condições de vida experimentadas pelas pessoas de um grupo socioeconómico, étnico ou religioso específico tendem a ser similares. As políticas públicas são exemplos de macrosistemas que inserem seus cidadãos em um determinado modelo de serviços e possibilidades. O modelo teórico-metodológico de Urie Bronfenbrenner, chamado de modelo bioecológico, concebe o desenvolvimento enquanto uma relação entre pessoa e contexto. O modelo, também denominado PPCT (Pessoa-Processo-Contexto-Tempo), é o design de pesquisa que permite a investigação da relação entre as características da pessoa e do ambiente como fatores determinantes do desenvolvimento do indivíduo, assim como as questões do tempo. Segundo Bronfenbrenner (1999) o que mais interessa é a interconexão de contexto e indivíduo e que desenvolvimento não é determinado por um processo unidirecional. Ao nível teórico, deixou claro em que consistem os processos proximais. Ou seja, o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos gradativamente mais complexos de interação recíproca entre um sujeito ativo e as pessoas, ambientes e símbolos do seu ambiente (Bronfenbrenner, 1995). O estudo explora, através de uma perspectiva bioecológica e contextualista a diferente apropriação que o desporto, e em particular o futebol, representa no poder político.

Referências

- Bronfenbrenner, U. Developmental ecology through space and time: A future perspective. In: MOEN, P., ELDER JR, G.H.; LUSCHER, K. (Ed.) Examining lives in context: Perspectives on ecology of human development. Washington, DC.: American Psychological Association, 1995, p. 619-647.
- Bronfenbrenner, U. Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In: FRIEDMAN, S.L.; WACKS, T. D. (Org.) . Conceptualization and Assessment of Environment across the life span. Washington DC: American Psychological Association, 1999. p. 3-30
- Bronfenbrenner, U. Lewinian space and ecological substance. In.: Bronfenbrenner, U. (ed.). Making human beings human: Bioecological perspectives on human development. California: Sage Publications, 2005a, p. 41-49.
- Coelho, J.N., Pinheiro, F. A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal. Porto, Afrontamento, 2002.

Palavras-chave: Futebol, Política, Bioecologia, Guerra

Natural de Águeda e nascido em 1981, doutorou-se em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto e Educação Física na Universidade de Coimbra. É investigador associado do CPES na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Presentemente está a iniciar um pós-doutoramento na Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Tem várias publicações nacionais e internacionais e é autor de 4 livros. Como actuais interesses de investigação estão a abordagem contextualista e ecológica no desporto de formação e factores determinantes das trajetórias desportivas.

Contactos

email: marcio.domingues@live.com.pt

A MOBILIDADE DE FUTEBOLISTAS EM TEMPOS DE GUERRA

Carlos Nolasco

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

O universo desportivo, enquanto cenário privilegiado de reprodução de relações políticas e de tensões entre Estados, onde o belicismo acontece por outros meios que não os convencionais, não ficou indiferente aos tempos de guerra. A história do desporto está cheia de episódios em que confrontos de equipas foram simbolicamente interpretados como vitórias e derrotas de países e de políticas, e onde os grandes eventos desportivos constituíram-se como palcos de confronto de nações.

As guerras sempre determinaram movimentos populacionais, nuns casos limitando-os, noutras determinando-os, em processos que se revelaram muito complexos, não apenas pela dimensão humana implícita nestas dinâmicas, mas também pela redefinição de estatutos, de direitos e nacionalidades dos sujeitos envolvidos. Esta realidade também sucedeu em diversos momentos da história do desporto, com atletas a serem sujeitos a mobilidades forçadas e a mudanças de nacionalidade em contextos de guerra. Se estes fenómenos sucederam em todas as modalidades, é no futebol que adquiriram maior visibilidade, não apenas pelo caráter mediático da modalidade e pela sua expressão universal, mas também pelo facto das equipas de futebol serem espaços de reprodução de identidades comunitárias e nacionais.

Nos últimos cem anos, foram muitos os momentos e os contextos bélicos em que os futebolistas foram condicionados nas suas deslocações, sendo em determinados momentos limitados e, noutras, incentivados à mobilidade. Com esta comunicação pretende-se analisar a mobilidade internacional de jogadores de futebol em tempos de guerra, fazendo referência a alguns casos que sucederam ao longo do século XX, e procurando refletir sobre a forma como os futebolistas se constituem como peões de um jogo bélico que transcende em muito o campo de futebol.

Palavras-chave: **Migrações, Mobilidade, Futebol, Guerra**

Carlos Nolasco é investigador de pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, integrando o Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP). É membro do Grupo de História e Desporto. É doutorado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Foi docente em diversas instituições de ensino superior, lecionado disciplinas no campo das Ciências Sociais, tendo ocupado cargos de direção e também em órgãos científicos e pedagógicos. Participou em diversos projetos de investigação no CES. Tem como áreas de interesse as Migrações, o Desporto e a Sociologia Visual.

Contactos

email: cmsnolasco@gmail.com

TERRORISMO E FUTEBOL: A UEFA CHAMPIONS LEAGUE É UMA AMEAÇA?

Milton Tiago Vogado Batista

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

No século XX, a frequência e a intensidade da guerra afectaram as perspetivas dos homens e das mulheres comuns. Na Europa Ocidental, nos Estados Unidos, na Rússia e na China, as exigências da guerra interferiram com a maioria das famílias ao longo de duas, três ou quatro gerações. O apelo às armas levou milhões de filhos, maridos, pais e irmãos para o campo de batalha; milhões destes homens não regressaram. A guerra deixou cicatrizes profundas entre povos inteiros, deixando-os na eterna expectativa de que as vidas dos seus filhos e netos pudessem ser poupadas às provações que eles próprios sofreram. No entanto, no seu dia a dia, as pessoas mal chegam a saber o que é a violência, a crueldade ou os sentimentos mais impiedosos. É o espírito de cooperação, e não de confronto, que faz girar o mundo. A maioria das pessoas passa a maior parte do seus dias num espírito de companheirismo e procura por quase todos os meios evitar o desacordo ou a discórdia. A sociabilidade é considerada a melhor das virtudes, e a gentileza o traço de carácter mais apreciado.

O jogo de Futebol é concebido como uma das ações mais prototípicas: humana, intencional, com instrumentos, finalidades, resultados e consequências, preparada e que pode ser interrompida. Porque razão será a Guerra o domínio origem para que o jogo de Futebol seja o domínio alvo por aquele metaforizado? Evidentemente pela experiência vivencial do confronto, inscrita na nossa matriz ontogenética e filogenética mais profunda. Hoje, sabemos que o desporto e, em especial, o futebol atrai muita gente na ânsia de ver de perto os melhores atletas do mundo ou do seu país, fazerem aquilo que fazem melhor ou que mais querem – ganhar. No entanto, o facto de as grandes provas serem acompanhadas por imensas pessoas, aliando a isso a cobertura que os media dedicam a estes eventos, faz destes enormes ajuntamentos desportivos, alvos perfeitos para ataques de ordem terrorista, quer seja por organizações conhecidas mundialmente ou por pequenos grupos extremistas. Em 2002, horas antes da semi-final da UEFA Champions League, entre o Real Madrid e o Barcelona, um carro bomba explodiu perto do estádio Santiago Bernabéu, em Madrid. Foram detidos onze membros do Batasuna (grupo ligado à ETA). Apesar de dezassete pessoas terem ficado feridas no incidente, o jogo teve lugar depois da UEFA ter recebido o relatório da segurança a confirmar o espaço como seguro.

No presente artigo, analisamos a influência que o desporto e, mais concretamente, o futebol exerce sobre questões políticas, partidárias e de ordem geográfica, alimentando iniciativas terroristas e que influenciam as decisões dos organismos responsáveis pela tutela quer do espaço desportivo quer das opções políticas, sociais e económicas decorrentes do mesmo. O futebol deixou de ser um jogo praticado por apenas onze jogadores de cada lado e três árbitros a fazer cumprir as regras. Hoje, o futebol é muito mais complexo e começa a jogar-se fora das quatro linhas. Esta comunicação explora o atentado terrorista ocorrido em Madrid no ano de 2002, nomeadamente através da análise de artigos publicados em meios de comunicação como o El País e o jornal desportivo, a Marca. Aproveitando o facto da final da edição deste ano da UEFA Champions League disputar-se em Lisboa, a 24 de maio, estamos em contacto com as devidas entidades de segurança (PSP, GNR, CML, UEFA e Sport Lisboa e Benfica) para percebermos como são organizados os meios anti-terroristas num evento de tamanha importância desportiva, social e económica. Ao longo de toda a sua história, o Desporto e, especificamente, o futebol quase sempre esteve ligado a questões de cariz político, religioso e económico. O interessante é perceber de que forma se relacionou e se relaciona com os atos terroristas de grupos que reclamam algum sentido nas ações que tomam como necessárias. O futebol é mais do que um simples meio de entretenimento ou produto meramente económico da sociedade capitalista, e para que possamos entender os diversos sentidos que o futebol pode ter, precisamos de analisar cada momento em que a História foi manifestamente manipulada e alterada.

Palavras-chave: **Futebol, Terrorismo, UEFA Champions League, Madrid**

Milton Vogado é licenciado em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, atualmente, frequenta o último ano de Mestrado em Comunicação e Jornalismo na mesma instituição. Foi investigador estagiário no CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É colaborador da UCV – Televisão Web da Universidade de Coimbra e é consultor de comunicação na empresa, Ideias Concertadas. Encontra-se a elaborar a sua Dissertação de Mestrado, orientada pelo Doutor Sílvio Santos, no âmbito das questões desportivas e os Media.

Contactos

email: miltonvogado@gmail.com

‘SPORT, WARS AND THE MAKING OF ITALY’

Simon Martin

Research Fellow, British School at Rome

Since the Swiss grammar school teacher Rudolf Obermann introduced gymnastics into the Royal Artillery of the Savoy army in 1831, at the request of King King Carlo Alberto, sport has played an indisputably key but consistently unrecognised role in modern Italy’s development and the formation of identity. Initially a preserve of the aristocracy and wealthier classes, Italy’s late industrialisation saw sport transform into an activity that touched all of the peninsula’s citizens.

Imprisoned by the Fascist regime the Communist philosopher Antonio Gramsci’s thoughts on “hegemony”, and the “war of position” will be related to the development and impact of sport upon identity formation in modern Italian history. This paper will show how and why sport became of national importance and how, as arguably the mass popular cultural activity, it potentially offered the only focal point around which all Italians might have been able to find and develop some sense of commonality. However, capable of transcending Italy’s various class-based, regional, linguistic and cultural divides sport possessed an immense power to influence and direct Italian society and, consequently, became an ideological battleground.

This analysis of sport’s capacity to shape Italian identity since Unification and its shaping through conflict, will be conducted through analyses of:

- Preparatory wars: Liberal Italy and the making of the citizen soldier
- The metaphorical war: Fascism and mass mobilization.
- Political war: Angels and demons, the case of Coppi and Bartali.
- Civil war: sport and the enemy within.

The examination of these cases will reveal how different forms of conflict have shaped sport and thereby impacted upon identity formation in post-Unification Italy. While demonstrating sport’s capacity to unite against the enemy, it will also show how in a country as divided as Italy it has also contributed to the reinforcement of local identities and thereby undermined the national project.

Palavras-chave: **Italy, War, Fascism**

Simon Martin took his BA Queen Mary & Westfield and MA at the School of Slavonic and East European Studies, University of London. Awarded his doctorate from UCL, his thesis on football and fascism in Mussolini’s Italy was published in 2004 and won the British Society for Sport’s History’s (BSSH) Lord Aberdare Prize for literary history. He broadened his research on sport in modern Italy to publish *Sport Italia. The Italian love affair with sport*, in 2011. It was also awarded the BSSH Lord Aberdare prize, in 2012.

He has conducted several radio interviews, appeared in the BBC2 documentary, ‘World Cup Stories’ and recorded a number of short programmes on sport and politics for Italian state television’s RAI Storia channel. He has taught at UCL, the American University of Rome, University of California Rome programme, Trinity College Rome and the University of Hertfordshire. He is also a Research Fellow at the British School at Rome.

Contactos

email: fchetti@hotmail.com

“EL EVENTO DEL FÚTBOL COMO EXPRESIÓN DE CONFLICTO Y VECTOR DE PACIFICACIÓN”

Ekain Rojo Labaien

Universidad del País Vasco UPV/EHU, España

“La guerra del fútbol” y la eliminatoria clasificatoria para el Mundial de 1970 que desencadenó un conflicto breve entre El Salvador y Honduras es lo primero que sugiere entrelazar los conceptos de guerra y fútbol. Igualmente, en signo contrario, el partido disputado entre los soldados alemanes y británicos que supuestamente propició una tregua en las navidades de 1914 durante la Primera Guerra Mundial. El hecho, quedó impregnado en la mitología del fútbol, aunque algunos cuestionan ahora su exactitud. Sucede algo similar con el encuentro denominado partido de la muerte disputado entre un equipo de Kiev, el FC Start, y un combinado representante de la armada de la Alemania nazi, en 1942, en plena Segunda Guerra Mundial. La URSS extendió el mito que los jugadores ucranianos habían sido asesinados por los nazis por haber vencido el partido. Decía George Orwell que el deporte en general se asemeja a una guerra sin disparos y ciertamente el fútbol propició a partir de la Segunda Guerra Mundial notablemente un terreno donde se dilucidarían las disputas nacionalistas sin riesgo alguno para las personas. Durante la Eurocopa de 1996, generaron controversia los guiños a la Segunda Guerra Mundial lanzados por la prensa inglesa contra el equipo alemán de fútbol. En realidad, el fútbol resultó desde sus inicios un espacio primordial para la expresión de identidades nacionales en el mundo, un conflicto mimético, como denominaron Norbert Elías y Eric Dunning a los deportes generados en el siglo XIX, y ahí radica en gran medida su éxito mundial.

El conflicto yugoslavo, que simbólicamente pudo haber empezado en el partido entre el Dynamo de Zagreb y el Estrella Roja de Belgrado el 13 de Mayo de 1990 también permite relacionar al evento del fútbol con la guerra. Los grupos de aficionados de los dos clubes que se confrontaron después del partido se enfrentarían meses más tarde también en la guerra que desintegró Yugoslavia. Como en el caso de Honduras y el Salvador, el deporte fue el signo de expresión, a lo sumo la chispa que encendió la guerra, y el símbolo del conflicto. En África en general, y en Ruanda en particular, el fútbol es uno de los pocos espacios que permite la reconciliación de etnias enfrentadas en conflictos sanguinarios. En Asia, las dos Coreas han simbolizado acercamientos por medio de partidos amistosos en el terreno de fútbol, y la organización conjunta entre Japón y Corea del Sur del Mundial de 2002 también permitió pacificar las relaciones entre los dos estados y las dos sociedades.

La investigación que se pretende presentar en el Congreso es fruto de un arduo análisis comparativo de carácter histórico originado en la tesis doctoral del autor. Diversas realidades en torno a la relación del fútbol con la guerra, se traerán a colación con especial dedicación a la complementariedad del fútbol como vector de pacificación y como signo de conflicto o como precursor o anunciador de una guerra.

Palavras-chave: **Conflicto, Mimético, Comparativo**

Ekain Rojo Labaien es un joven investigador, recientemente galardonado con el título de doctor, en mayo de 2013, por la tesis titulada El binomio fútbol y medios de comunicación, campo de juego de las identidades nacionales: Ancla del siglo XIX al siglo XXI. Obtuvo la calificación cum laude por unanimidad y la mención de tesis internacional gracias a la investigación llevada a cabo y defendida en vasco y en francés. Es el autor, entre otros, del artículo ‘The media and the construction of national identities in basque football: basques and catalans booing the Spanish anthem in the 2009 cup championship final’ en la revista internacional Sport and Society. En la tesis doctoral concibió un estudio exhaustivo comparativo e interdisciplinario sobre la causalidad del fútbol como vertiente principal de identidades nacionales de la actualidad a partir del siglo XIX. En sus investigaciones y aportaciones científicas se pueden vislumbrar, por consiguiente, diferentes aspectos relacionados con el fútbol dado el carácter complejo de este fenómeno representativo de las sociedades modernas.

Contactos

email: ekain.rojo@ehu.es

«SÓ OS MAIS FORTES SOBREVIVEM. NÓS SEREMOS ETERNOS.» O MIMETISMO DA GUERRA NAS CLAQUES DE FUTEBOL.

Daniel Seabra

Universidade Fernando Pessoa, Portugal

Tendo por base a investigação realizada nas claques portuenses, a comunicação que se pretende apresentar visa perspectivar o desempenho de tais grupos, no contexto de um jogo de futebol, enquanto expressão de uma batalha ritualizada pela qual se emblemam identidades. Para tal serão consideradas, não apenas as práticas que se constituem como signos de identificações e emulações que configuram - tendo em conta as perspectivas teóricas propostas por Elias, pelo grupo de Oxford e ainda por Anthony King – a mimese de umaguerra, mas também os discursos de legitimação que concorrem para a formulação de representações sociais que dão causa a tais práticas. Serão também contempladas as críticas às perspectivas teóricas mencionadas, sendo estas consequência dos resultados da investigação empírica, sobretudo efectuada com recurso a uma longa observação participante realizado no seio das claques Alma Salgueirista, Colectivo Ultras 95, Panteras Negras e Super Dragões.

Palavras-chave: **Claques de futebol, Ritual, Identidade**

Professor auxiliar na Universidade Fernando Pessoa

Doutorado em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa com tese intitulada Claques Portuenses. Um estudo de grupos organizados de adeptos de futebol em contexto urbano.

Mestre em Antropologia pela Universidade do Minho com dissertação intitulada «Mágico Porto. Vence por nós.» Um estudo antropológico de uma claque de futebol.

Licenciado em Antropologia pela Universidade Fernando Pessoa.

Desenvolve investigação e publica sobre claques de futebol, hooliganismo, violência no desporto, bem como sobre a dimensão antropológica do Desporto.

Contactos

email: das@ufp.edu.pt

“SUOR POUPA SANGUE”: UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS TELEVISIVAS SOBRE O USO DO ESPORTE COMO FERRAMENTA DE PEACEBUILDING NAS MISSÕES DE PAZ DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

Leonardo José Mataruna-dos-Santos & Karina Cancellla
Coventry University / Universidade Federal Rio de Janeiro/Université Lille 2

O esporte tem sido utilizado como ferramenta de promoção da paz em momentos pós conflito armado em todo o mundo. A prática esportiva é adotada para aproximar pessoas, reduzir conflitos, promover a paz e a reconciliação. Durante tempos de paz, o esporte já é consolidado com um elemento de cultura popular na maioria das nações do planeta. Em tempos de guerra, essa manifestação corporal tem se mostrado como um agente de redução do estresse e de diminuição da segregação promovida pelos conflitos. A Organização das Nações Unidas (ONU) promove programas de peacebuilding com apoio das Forças Armadas em diversos países que se encontram em situação de vulnerabilidade pela ocorrência de conflitos internos ou internacionais. Dentre as inúmeras ações de promoção da paz, o esporte comumente aparece como um importante elemento de interação em as forças militares internacionais e a população local. Visando ampliar a divulgação dessas medidas que integram esporte e paz, um canal de televisão brasileiro apresentou em programa esportivo dominical no ano de 2009 o projeto “Esporte e Guerra” abordando as realidades de Ruanda, Guiné Bissau e Haiti e como o esporte foi mobilizado nessas localidades como elemento de “cessar fogo”, integração dos povos e promoção da paz. Dois anos depois, em 2011, dois novos projetos sobre as ações da ONU foram realizados em perspectiva similar: a trilogia “Haiti: esporte e paz” e “Missão de Paz: o esporte na linha de frente”. Nessa última, foi apresentada uma série de episódios sobre as realidades da fronteira entre o Líbano e Israel, sobre o Chipre, a região do Saara Livre, Timor Leste e Guiné Bissau. Utilizando a concepção do princípio de “Responsabilidade” do filósofo Hans Jonas (1984) e as considerações metodológicas sobre análise de programas televisivos de Machado e Vélez (2007), este trabalho visa discutir as ações da ONU no campo da promoção de paz segundo a perspectiva da responsabilidade social e o papel da mídia no processo de divulgação dessas diferentes realidades ao redor do mundo. Como considerações parciais, é possível pontuar que as medidas da Organização das Nações Unidas em suas Missões de Paz com participação de Forças Armadas, inclusive brasileiras, têm se mostrado fundamentais para os processos de estabilização dos países atendidos e um início de mudança na posição de vulnerabilidade enfrentada pelas populações dessas regiões. O esporte tem sido utilizado tanto de forma institucionalizada, com ações promovidas pela entidade internacional, quanto de forma mais voluntária pelos grupos locais como uma ferramenta de lazer e de atenuação das tensões em diversas ocasiões. A cobertura televisiva, em específico a analisada neste estudo, demonstra responsabilidades com o processo de divulgação das diferentes realidades de conflito em ocorrência ao redor do mundo e de como o esporte está sendo mobilizado tanto pela população como pelas forças de paz atuantes. No entanto, utilizando um enfoque crítico, há de se considerar que tais programas auxiliam sim na divulgação e popularização de informações, mas também se valem do sensacionalismo jornalístico para explorar as realidades locais de vulnerabilidade em prol de audiência televisiva.

Palavras-chave: **Esporte, Promoção da paz, Responsabilidade**

Dr. Leonardo Mataruna's key research interests in the legacies of Olympic, Paralympic and Military Games, Sport Media, Sport for Peace, and Peacekeeping. He is licensee 1st Lieutenant of the Brazilian Navy and is part of Brazilian Judo Confederation. He attended as part of the manager team the CISM Peace Games (World Military Games Rio 2011) and as part of the Judo team the Olympics of Sydney 2000, Athens 2004, Beijing 2008 and London 2012; the Paralympic Games of Athens 2004 as coach and, Beijing 2008 and London 2012 as journalist (commentator); and the Winter Olympics of Torino 2006, Vancouver 2010 and Sochi 2014, as observer and researcher. He is also Director of Scientific Board of Brazilian Police and Fire Sport Federation. Dr Mataruna is part of Coventry University's CPRS and Visitor Research Fellow at Advantage Program of Contemporary Culture (PACC) of Federal University of Rio de Janeiro – Brazil and Universidad de Occidente (UdeO), in Los Mochis - Mexico.

Karina Cancellla - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na linha de História do Esporte e Práticas Corporais Institucionalizadas com período sanduiche na Université Lille 2 - Droit et Santé (França); Bolsista Capes Proc. n°. BEX 14010/13-5; Mestre em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ; Especialista em Educação a Distância pela Universidade Gama Filho; Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Gama Filho. É pesquisadora do Sport - Laboratório de História do Esporte e do Lazer e realiza pesquisas nos campos da História Militar, História do Esporte e Estudos Olímpicos. Colaboradora do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin. Docente em disciplinas na área de História em instituições civis e militares. Atua ainda em trabalhos de consultoria histórica e pedagógica.

Contactos

email: l.mataruna@coventry.ac.uk / karinacancellla@gmail.com

A GESTÃO DO AMADORISMO NO DESPORTO PELO COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL NO PERÍODO ENTRE AS GUERRAS MUNDIAIS

Alcides Vieira Costa

Universidade Lusíada de Lisboa

A I Guerra Mundial impediu a realização de Sessões do Comité Olímpico Internacional (COI) até que, em 1919, os membros da instituição voltaram a reunir-se na 18ª Sessão, que se realizou em Lausanne. No entanto, só no ano seguinte, em 1920, na Sessão de Anvers, as questões do amadorismo voltaram a ser tratadas. As questões tratadas eram de diversas ordens como as indemnizações a serem dadas aos atletas por perca de vencimentos, a busca por uma adequada definição de amador e os modelos organizacionais das federações. Neste sentido, o presente texto tem por objetivo analisar aquilo que foi a cultura do amadorismo ao longo do período entre as duas Guerras Mundiais e as mudanças iniciais que levaram o COI a aceitar o profissionalismo, a partir de 1992. A pesquisa que estruturou este texto foi uma análise documental de cunho qualitativo que incluiu as 122 Atas das Sessões do COI disponíveis até o momento e realizadas entre os anos de 1894 e 2011. Os resultados indicam que, no período entre as duas Guerras Mundiais, os problemas relativos ao amadorismo continuavam não só a crescer como a tornarem-se cada vez mais complexos. Continuava-se em uma linha dura em que não se admitia a mínima folga aos atletas que não podiam receber compensações por exemplo, por parte dos governos. Nenhum atleta podia estar ligado aos media sem quebrar o seu estatuto de amador. Os atletas não podiam receber uma soma superior a três xelins por dia para efeitos de despesas de manutenção de vida, como roupa lavada e transportes. Nenhum atleta podia receber quaisquer apoios de reintegração como forma de compensação de uma carreira desportiva. Na Sessão do COI de Londres, realizada de 6 a 9 de junho de 1939, nada aconteceu de especial relativamente ao amadorismo. Entretanto, esta foi a última Sessão antes do início da II Guerra Mundial, tendo o COI e o Movimento Olímpico hibernado durante praticamente seis anos.

Palavras-chave: **Amadorismo, Gestão, COI**

Professor Doutor em Motricidade Humana, especialidade Ciências do Desporto. Professor Auxiliar na Universidade Lusíada de Lisboa (ULL), onde é Coordenador da Licenciatura em Gestão das Organizações Desportivas, da Faculdade de Ciências da Economia e da Empresa e docente na Licenciatura em Motricidade Humana, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. É pesquisador do Centro Lusíada de Investigação em Ciências Sociais e Intervenção Social (CLISSIS), sob a linha de pesquisas Intervenção para a Sustentabilidade e Bem-estar Social e do Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a linha de pesquisas Gestão e Política de Esporte.

Contactos

email: professoralcides@yahoo.com

O ENSINO DA HISTÓRIA DO ATLETISMO COMO ALIADA PARA A DISCUSSÃO DE VALORES EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A AMIZADE E O RESPEITO NO PERÍODO ENTRE GUERRAS

Guy Ginciene

UNESP - São Paulo, Brasil

Sara Quenzer Matthiesen²

UNESP - São Paulo, Brasil

O atletismo é um dos conteúdos do Currículo do Estado de São Paulo, devendo ser abordado segundo seus aspectos técnicos, táticos, regulamentares e históricos relacionados às corridas, aos saltos, ao arremesso e aos lançamentos, em dois bimestres letivos do Ensino Fundamental. No entanto, são poucos os materiais que visam subsidiar o professor a desenvolver esses conteúdos em aula, especialmente àqueles relacionados à história. Diante disso, surge a seguinte inquietação: o que deveria ser ensinado sobre a história do atletismo em aulas de Educação Física? Com o objetivo de responder a essa pergunta, esse trabalho consistiu em “olhar” para a história do atletismo a fim de localizar conteúdos que possam ser trabalhados na escola. Com a revisão de literatura, percebemos que o ensino histórico de uma modalidade esportiva, passando por sua trajetória e por suas ressignificações durante o tempo, podem contribuir para que o aluno compreenda melhor o esporte atualmente. Mais do que isso, percebemos que o esporte pode ser uma importante ferramenta para trabalhar os valores na formação das crianças e jovens. A Educação Olímpica é uma das formas de se utilizar o esporte para o desenvolvimento dos valores. Mais do que isso, uma das abordagens da Educação Olímpica é a “Abordagem orientada para o conhecimento”, que se utiliza da história dos Jogos Olímpicos para o ensino dos valores do Olimpismo. Entre esses valores, dois chamam a atenção: a amizade e o respeito. Com isso, podemos olhar mais especificamente para a história do atletismo nos Jogos Olímpicos, principalmente nos períodos entre guerras, de modo a discutir com as crianças esses dois valores. Relacionado à história do atletismo, um fato que merece destaque é do atleta norte-americano Jesse Owens e do alemão Lutz Long, nos Jogos Olímpicos de 1936. Jesse Owens, que era negro, competiu em 4 provas do atletismo no evento realizado em Berlim, em plena Alemanha nazista comandada por Hitler. A prova do salto em distância foi marcada pela conversa amistosa entre o alemão Lutz Long e Jesse Owens, na qual o alemão teria dado conselhos para o norte-americano melhorar seu salto, fato determinante para a conquista da medalha de ouro. Isso rendeu ao alemão a conquista póstuma da medalha Barão de Coubertin por seu espírito olímpico. O que os dois atletas realmente conversaram é difícil saber. Porém, é preciso observar que apesar de todos os conflitos, ameaças de boicote e diferenças entre esses dois países, ambos os atletas não levaram para as pistas nenhum conflito político ou racial externo. Sendo assim, esse tipo de atitude pode ser muito bem utilizado para iniciar uma discussão sobre os valores da amizade e do respeito no esporte, fazendo com que o ensino da história do atletismo, um dos temas do Currículo do Estado de São Paulo, seja mais significativo do que a simples e breve exposição de datas, já que o objetivo da Educação Física é o de formar o “futuro” cidadão que vai conviver com as mais diferentes práticas corporais.

Palavras-chave: **História do atletismo, Educação Física, Período entre guerras**

Guy Ginciene - Bacharel em Educação Física pela UNESP – Rio Claro/SP/Brasil (2009); Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP – Rio Claro/SP/Brasil (2012); Doutorando Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP – Rio Claro/SP/Brasil; Membro do Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA); Bolsista de doutorado FAPESP.

Sara Quenzer Matthiesen - Graduação em Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1987); Especialização em Educação Física Escolar pela Unicamp (1999); Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996); Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Atualmente é docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Contactos

email: guy_ginciene@hotmail.com

email: saraqm@rc.unesp.br

DA NÃO-CELEBRADA VI OLIMPÍADA (1916) À OLIMPÍADA DE PERSHING (1919): O DESPORTO NO PÓS-I GUERRA MUNDIAL

Francisco J. V. Fernandes

*Fórum Olímpico de Portugal
Universidade da Madeira*

Algumas semanas antes do Armistício (Outubro de 1918) Elwood S. Brown, Diretor do Departamento de Athletic Sports do YMCA americano, com base numa bem-sucedida experiência ocorrida anos antes na Filipinas, envolvendo americanos, filipinos, chineses e japoneses, lança a ideia da realização de uma prova desportiva de massas aberta aos oficiais e tropas dos exércitos Aliados. Com a ideia a ser adotada pelo próprio General Pershing, Comandante do Exército Aliado na Europa, o convite é dirigido a 29 países, sendo aceite por 18, entre os quais Portugal. Através dos Jogos Inter-Aliados – jogos abertos apenas à participação dos militares dos exércitos Aliados - se faria a transição da Guerra para a Paz, preenchendo-se o vazio em que a guerra deixara o movimento olímpico, então à beira de completar 25 anos, e motivara o cancelamento da celebração da VI Olimpíada, prevista para 1916, em Berlim.

Importa analisar a posição do COI que se vê, por um lado, ameaçado com a perspectiva de um evento à dimensão dos Jogos de Londres e de Estocolmo e com uma possível perda de influência ou, por outro, com uma visão otimista decorrente da possibilidade de valorização do ideal Olímpico, enquanto promotor da paz e concórdia, potenciando o impacto de futuros Jogos, desde logo os de Antuérpia em 1920.

Noutra perspetiva, interessa aprofundar o caso particular da representação portuguesa, a interação com a comunidade, o envolvimento militar e civil, o impacto junto da comunicação social, a intervenção do associativismo desportivo. A forma de organização, as infraestruturas, as disciplinas desportivas e os resultados desportivos, completam a abordagem desta temática em que o Desporto se cruza com a Guerra e com a Paz..

Palavras-chave: Olimpismo, I Guerra Mundial, Jogos Inter-Aliados, Pershing

FRANCISCO JOSÉ VIEIRA FERNANDES (n. 1952, Funchal, Madeira)

Economista pelo ISE, Doutoramento em Motricidade Humana na especialidade de Ciências do Desporto e Mestre em Gestão do Desporto, pela FMH.

Doutor Honoris Causa em Administração Pública pela Universitas Sancti Cirilli, AD 1669, de Malta.

Foi presidente do Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira entre 1993 e 2000.

Entre 2000 e 2011 foi Secretário Regional de Educação e Cultura do Governo Regional da Madeira, com tutela do Desporto.

É membro do Fórum Olímpico de Portugal e membro cooptado externo do Conselho Geral da Universidade da Madeira desde 2013.

Desde 2011 é Assessor do Conselho de Administração da ANAM-SA, empresa concessionária da gestão dos Aeroportos das Madeira.

Tem cerca de três dezenas de livros publicados, na área de investigação em matéria de Desenvolvimento Desportivo, biografia, dramaturgia (narrativa e romance) e literatura infanto-juvenil.

Contactos

email: fjfernandes@anam.pt

OLIMPISMO & GUERRA FRIA

Gustavo Pires

Faculdade de Motricidade Humana / Fórum Olímpico de Portugal

O termo “guerra fria” ficou-se a dever a George Orwell que o utilizou pela primeira vez num artigo intitulado “You and the Atomic Bomb” publicado no “Tribune” de Londres em 19 de outubro de 1945. (1) Depois, foram vários os políticos, jornalistas e sociólogos que o utilizaram entre eles Raymond Aron que definiu o conceito como uma espécie de paz belicosa num mundo bipolar onde os beligerantes se afrontavam de uma forma indireta. A partir de então, os mais diversos cenários político sociais começaram a fazer de palco dos confrontos político ideológicos entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Entre os cenários onde disputavam as suas rivalidades o desporto revelou ser um dos mais apropriados. Em consequência, os Jogos Olímpicos (JO) foram transformados num cenário de guerra entre os dois beligerantes que, através dos resultados desportivos medidos em medalhas, pretendiam fazer passar para a sociedade as pretensas virtuosidades dos respetivos regimes. O que aconteceu não foi novidade na medida em que, na Grécia antiga, o jovem quando competia na luta, na corrida ou nos lançamentos durante os Jogos, pensava na satisfação da sua cidade natal na medida em que era a glória dela que ele queria projetar. Até as coroas de louros que os juizes colocavam na cabeça dos grandes heróis olímpicos, estes as consagravam aos deuses das respetivas cidades. A este estado de espírito os gregos chamavam-lhe “areté”, uma espécie de virtude própria da nobreza aristocrática, do heroísmo guerreiro, da honra, da glória, do “agôn” e da vontade de vencer. Assim, os Jogos, ao tempo da Grécia antiga já eram uma espécie de teatro de guerra-fria onde as cidades-estado, através da competição desportiva organizada, disputavam entre si a honra, a glória e o prestígio dos vencedores. Orwell era um visionário pelo que, perante as consequências do lançamento das bombas atómicas pelos americanos sobre as cidades de Hiroxima e Nagasaki, respetivamente a 6 e 9 agosto de 1945, percebeu que uma escalada de guerra com a utilização de tal arma significava a destruição para todos. Ao tempo, a URSS já tinha um programa nuclear em marcha pelo que era expectável que também viesse a ter a sua bomba. E foi o que aconteceu quando, a 29 de Agosto de 1949, realizou a sua primeira explosão nuclear. A partir de então, como Orwell previu, confirmou-se a existência de um período na vida da humanidade em que os dois grandes blocos ideológicos detentores da capacidade económica, técnica e científica para fabricarem tal arma acabaram por ter de fazer um acordo tácito entre si com o objetivo de nunca a usarem um contra o outro. Em consequência, o Mundo entrou numa espécie de “equilíbrio de terror” que ficou conhecido como “guerra fria”. Em 1948, depois da suspensão dos JO da XII e XIII Olimpíadas forçada pela Grande Guerra (1939-1945), debaixo das maiores dificuldades, realizaram-se na cidade de Londres os Jogos da XIV Olimpíada. Neles participaram um total de 59 nações das quais 14 pela primeira vez. A URSS foi convidada mas não aceitou o convite. Em consequência os EUA foram os grandes vencedores. Conquistaram 84 medalhas quase o dobro das medalhas do 2º classificado que foi a Suécia com 44 medalhas. A transmissão televisiva dos Jogos de Londres (1948), ainda que a nível local, deu uma projeção aos JO e aos países vencedores nunca dantes vista. Esta circunstância, muito provavelmente, foi das que mais pesou na decisão dos dirigentes da URSS de reconsiderarem a sua posição esquerdista relativa à prática desportiva para, em 1951, o respetivo Comité Olímpico Nacional (CON) aderir ao Comité Olímpico Internacional (COI). Em consequência, as hostilidades no âmbito da guerra-fria aconteceram pela primeira vez nos JO de Helsínquia (1952) onde a URSS, pelos resultados conseguidos, demonstrou que a supremacia dos EUA sobre as medalhas olímpicas estava a chegar ao fim. A partir de então desencadeou-se uma competição desenfadada entre as duas grandes potências que começaram a fazer do número de medalhas conquistadas a bandeira da sua supremacia ideológica. O presente ensaio tem por objetivo realizar o levantamento e análise das principais questões que determinaram a vida do Movimento Olímpico desde 1951 até à desagregação da URSS. Para o efeito vamos utilizar as atas das Sessões do COI bem como as das reuniões da Comissão Executiva. Vamos utilizar ainda os artigos e documentos publicados na Olympic Review, bem como os levantados no Centro de Estudos Olímpicos do COI.

(1) Cf.: George (1945). You and the Atomic Bomb. London: Tribune”, 19 de outubro de 1945. In: Fifty Orwell Essays. A Project Gutenberg of Australia eBook.

Palavras-chave: **Olimpismo, guerra-fria, política**

Gustavo Pires (n. 1947) Licenciado Educação Física e Doutorado em Motricidade Humana – Organização e Treino pela Universidade Técnica de Lisboa. Professor Catedrático na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa. Regente das disciplinas de: Introdução à Gestão do Desporto; Estrutura das Organizações Desportivas; e Olimpismo e Jogos Olímpicos. Membro fundador e honorário da European Association for Sport Management (EASM). Fundador e associado nº 1 da Associação Portuguesa de Gestão do Desporto (APOGESD). Presidente da Direção do Fórum Olímpico de Portugal.

Contactos

email: gpires@fmh.utl.pt

A CAPOEIRA E OS “CAPOEIRAS” NA GUERRA DO PARAGUAI. MITO E REALIDADE

Paulo Coêlho de Araújo

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade de Coimbra

Ana Rosa Jaqueira

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade de Coimbra

Com o enfrentamento dos países que formavam a Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina) e o Paraguai, desenrolou-se a partir de dezembro de 1964 a março de 1970 o fato histórico conhecido como a Guerra do Paraguai. Nos tempos que seguiram a esta guerra, muitos foram os historiadores, literatos, jornalistas e políticos que enalteceram as virtudes combativas dos negros e capoeiras neste conflito, evidenciando distintos atos de bravura destes indivíduos e àqueles pertencentes aos grupamentos dos Zuavos Baianos. Deste episódio e sobre estes grupamentos e, particularmente sobre o uso da Capoeira nos combates corpo-a-corpo, suscitam inúmeras dúvidas sobre os fatos que concorrem para enquadrá-lo no campo do mito em contraposição com a realidade dos fatos ocorridos nesta guerra. Para interpretar este acontecimento bélico e promover as aproximações que nos conduzem a considerar a presença da Capoeira um processo de construção de um mito na sociedade brasileira, realizamos através do método histórico, uma análise alargada de documentos históricos e uma fundamentada revisão bibliográfica sobre este episódio da história do Brasil. Os dados coletados nos permitiram organizar os seus conteúdos em categorias distintas, destacando-se as formas de organização dos grupamentos, as formas de recrutamento dos indivíduos, o tipo de batalhas, as descrições dos episódios por distintos autores, e a tipologia de documentos que retratam a presença dos capoeiras e do grupamentos dos Zuavos. Os resultados destas análises documental e bibliográfica nos permitiram concluir pela não presença efetiva do uso de golpes e movimentos da prática da luta da Capoeira neste conflito, não excluindo-se a presença de praticantes desta expressão em distintos grupamentos de militares das forças brasileiras, e nem tão pouco a exclusiva formação dos grupos de Zuavos Baianos por conhecedores da luta brasileira como nos quiseram fazer crer a historiografia desta expressão corporal brasileira no desenrolar desta guerra.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, Capoeira, Brasil

Paulo Coêlho de Araújo é professor associado de nomeação definitiva na FCDEF-UC, docente das cadeiras de Cineantropologia e do bloco Capoeira dos Estudos Práticos. Estudioso da luta brasileira, possui vários livros e artigos publicados sobre a temática Capoeira.

Ana Rosa Jaqueira é professora auxiliar na FCDEF-UC, docente das cadeiras Organização das Atividades de Lazer e Recreação, e assistente nas de Cineantropologia e do bloco Jogos Tradicionais Portugueses dos Estudos Práticos. Possui vários artigos publicados sobre a temática Capoeira.

Contactos

email: pcoelho@fcdef.uc.pt
email: anarosajaqueira@fcdef.uc.pt

“AS DEFINIÇÕES DE RUGBY E O CONCEITO DE GUERRA”

José Pestana Alpuim

*Prof Gestão Financeira
Instituto Federal de Brasília*

No desporto em geral, vários foram os autores que se interessaram em pesquisar quais as palavras mais usadas, e quais as formas de media foram utilizadas, em diferentes países. Para Tomko (2011), o uso de redes sociais pelo desporto tem crescido vertiginosamente. Kessler (2012) registou mais de 400 milhões de tweets por dia. Hambrick (2010) e também Kassing & Sanderson (2010) afirmam que a utilidade das redes sociais está na comunicação direta entre entidade desportivas e os seus fãs.

Noutros estudos, Clavio (2014) categorizou os temas preferenciais dos Facebooks dos 10 clubes de futebol mais ricos. Ha (2013) conclui que o uso do Twitter nos USA cresceu 55% mais do que o do Facebook. Guillem (2011) averiguou o léxico do ténis espanhol, assim como também Bulhões (2013) comparou termos do futebol português e brasileiro. No entanto, algumas limitações forma relatadas. Apesar de ser um norte-americano apaixonado por futebol, Clavio (2014) sabe que o futebol é um fenómeno mundial, com grande preponderância nos países latinos, europeu e centro-sul americanos. Mas o seu estudo ficou-se pelos Facebooks expostos apenas em língua inglesa. Guillem (2011) refere que estudos comparativos com outros países também seriam benéficos. E Bulhões (2013) apresenta algumas discrepâncias nas analogias encontradas.

Assim sendo, neste estudo procurámos relacionar um comparativo de termos de rugby, em Portugal e no Brasil, e os media digitais, por serem as principais fontes de informação corrente, em ambos os países. O Método utilizado foi o de limitar um determinado espaço temporal, e pesquisar os principais sites de rugby, nessas duas nações lusófonas. Encontraram-se diferenças interessantes, pois enquanto em Portugal os termos portugueses já são maduros e preponderantes, no Brasil ainda imperam os termos ingleses.

Nas conclusões, interpretámos uma coincidência em ambos os lados do Atlântico, ao encontrarmos uma significativa proporção de termos beligerantes. Através deste dado previsível, foi possível listar uma considerável nomenclatura, por forma a conceitualizar o rugby como um inequívoco desporto de contato, nalguns casos referido como uma batalha campal ou uma guerra tribal..

Palavras-chave: Rugby, Guerra, Comunicação

Licenciado em Economia pela U.Católica Portuguesa, é Prof de Gestão Financeira no Instituto Federal de Brasília, e suas pesquisas estão focadas na Gestão do Desporto, em assuntos particularmente relacionados com Rugby, do qual é Treinador qualificado, tanto em Portugal como no Brasil.

Actualmente está Doutorando no curso de Ed. Física e Desporto, na ULHT.

Foi campeão de Portugal como jogador (GD Direito). Foi Arbitro. Foi treinador Campeão do Brasil (Feminino) e fez parte da Comissão Técnica da Seleção Brasileira Feminina, em 02 Sulamericanos (2008-09) e 01 Mundial (Dubai 2009).

Contactos

email: zealpuim@hotmail.com

**III CONGRESSO
DE HISTÓRIA
E DESPORTO**

DESPORTO E GUERRA